



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TAGORE PENNA MENDES DE ALMEIDA

INFÂNCIA NO QUILOMBO DO CAMORIM NO MACIÇO DA PEDRA BRANCA/
RJ E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO NATURAL
MANIFESTADA NO BRINCAR

RIO DE JANEIRO

2023

TAGORE PENNA MENDES DE ALMEIDA

INFÂNCIA NO QUILOMBO DO CAMORIM NO MACIÇO DA PEDRA BRANCA/
RJ
E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO NATURAL
MANIFESTADA NO BRINCAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Educação da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Educação

Orientadora: Prof.^aDr.^a Maria Auxiliadora Delgado Machado

RIO DE JANEIRO

2023

Catlogação informatizada pelo (a) autor(a)

ALMEIDA, TAGORE
INFÂNCIA NO QUILOMBO DO CAMORIM
NO MACIÇO DA PEDRA BRANCA/RJ
E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO NATURAL
MANIFESTADA NO BRINCAR

Orientadora: Maria Auxiliadora Delgado Machado
Dissertação (Mestrado - Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2023.)

1. Infância Quilombola. 2. Infância-natureza
3. Brincar 4. Corporeidade 5. Território
6. Educação Ambiental Crítica
I. Delgado Machado, Maria Auxiliadora, orient. II Título.

Às infâncias brasileiras, nossas sementes pulsantes, nosso futuro ancestral.

Às/aos educadora/es, mestras/es brincantes, aos povos originários e tradicionais
dedicados ao cuidado e aos saberes que sustentam vida.

In memoriam

Aos negros e indígenas vítimas de genocídios no nosso país que são a base estruturante do nosso território e merecem dignidade e respeito à vida como todo ser humano.

Aos que vieram a falecer por covid devido ao descaso do desgoverno durante o período da pandemia, apesar do incansável trabalho dos agentes do nosso Sistema Público de Saúde.

Ao seu Sebastião dos Santos, patriarca do Quilombo do Camorim que veio a falecer durante a pandemia, porém além do corpo físico, seu legado permanece ecoando entre a comunidade.

A Maria Clara, que era minha psicóloga e veio a falecer durante a pandemia, que sou imensamente grata pelos recursos regulatórios que a mesma me proporcionou acessar e sua sensibilidade atenta.

Aos meus avós, Léa dos Santos e Mário Penna que me cuidaram e ensinaram o que é amor comunitário na sua imensidão e em ação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Márcia por me gerar a vida, por me nutrir sempre e tanto, ser inspiração como educadora, devota às infâncias e me banhar com tanta arte e vivências culturais brincantes desde a barriga, me permitindo expressar meu ser na minha essência em potência. Agradeço ao meu pai Augusto por me fazer existir com um olhar atento à natureza, na relação de pertencimento e consequente cuidado, sempre aproximando a militância social com os aspectos ambientais.

Agradeço à minha família pela união e amor com tanta presença. Família Penna, Mendes e Fraga (Jamba), aos meus irmãos/os, tias/os, primas/os e sobrinha. Em especial ao Marcelo, à Leda e Nélia que sempre me apoiaram com cuidado e incentivo ao meu crescimento pessoal e profissional envolto por um amor que transcende o sangue.

Sou grata à minha filha Sara por me atentar na rotina a grandeza presente nas pequenezas da vida. Por ser encantamento, sabedoria, parceria, força, leveza e esperança em meio a tantos desafios que a vida traz e me fazer renascer a cada dia numa versão melhor de mim.

Grata ao Quilombo do Camorim pela confiança, pelo solo ancestral e aprendizagem a cada troca sincera recheada de ação. Pelos cantos e danças que contam histórias reais e de raízes fundas preservando o nosso patrimônio imaterial cultural, sendo eco da nossa identidade. Por cuidarem de nossas matas e águas, firmando vida. Em especial aos companheiros da ACUCA (Adilson, Rosilane, Lucia e Thaís) e as crianças residentes presentes na pesquisa, por manterem minha criança interior brincante e em conexão com o universo natural, atenta às dores do mundo e contradições da cidade.

Agradeço ao grupo GiTaKa (UNIRIO) pelo constante ancorar em ação e democratização de saberes me fazendo maior a cada aprendizagem, virando chaves de consciência. Firmes ao propósito da transformação social por dias melhores com infâncias saudáveis, fomentando a educação brasileira com tanta gana de viver. Em especial à Léa Tiriba, guru das infâncias que caminhou de mãos dadas em muitas

realizações e cosmovisões, e Lucia Cavalieri por me atentar às nossas Epistemes Nativas e me motivar a continuar a cada desafio pessoal emergido. Companheiras que mantive um vínculo com retroalimentação, me fazendo usar o fio inteiro do meu ser a cada realização e esperar de que é possível uma ciência humana e afetiva.

Agradeço à minha orientadora Maria Auxiliadora, Dora, pela parceria, paciência, confiança e conduta prática para que esta pesquisa se concretizasse, dando contornos e encaminhamentos dentro do nosso possível com tantos desafios pessoais de saúde. Por acreditar no meu potencial diante de minha trajetória, me atentando que o fruto de uma pesquisa científica não é o fim de uma contribuição acadêmica e para a sociedade, e sim parte do caminho da pesquisadora em constantes processos em desenvolvimento.

Agradeço à banca examinadora da qualificação, composta pela professora Maylta Anjos e pelo professor Diógenes Pinheiro que trouxeram contribuições essenciais dando contornos para que concretizasse dentro do prazo acolhendo meu contexto de saúde, com guiança estruturante e pertinente aos objetivos da pesquisa. Além de motivarem na construção da mesma ressaltando a importância do tema para a contribuição da Educação Brasileira com pedagogias nossas.

Ao grupo GEASur (UNIRIO) pelas veias latinas com tanta nutrição de base comunitária e ao professor Celso Sanchez por fazer meus olhos brilharem com tamanho compromisso às práticas pedagógicas coerentes com nossas lutas dos nossos povos originários e populações tradicionais no cenário da *nuestra Abya Yala desde el Sur*.

Grata aos amigos e às/aos companheira/os de luta que caminham juntos perseverando em prol de uma educação pública e de qualidade, democrática, libertária e ecológica. Da rede de biólogos, amizades de longa data. Da rede de educadores das escolas que percorri e das quais me encontro agora. Ao organismo Ecobé por me nutrir com repertório tão rico em metodologia e na ética do cuidado. Ao Instituto Moleque Mateiro por ser canal e me fazer chegar ao Quilombo do Camorim por meio de um trabalho com educação, cultura e ambiente caminhando juntos.

Agradeço ao Felipe que foi meu parceiro de vida no período pandêmico, remando comigo em todos os desafios, no constante alimentar de si e do outro, com intensidades a flor da pele alternadas com respiros brincantes, com intimidade revelada em crescimento.

Agradeço aos profissionais terapeutas, que considero amigos, Ana e Antônio, por me cuidarem em contexto pandêmico com tantos desafios sendo mãe de criança pequena na pandemia, sem escola e rede de apoio presente restrita, em meio a lutos e lutas, me atentando que a compaixão é incompleta se ela não nos inclui. Sensíveis e atentos, disponíveis no sempre e tanto, colaborando com minha saúde mental que incluía corpo, emoção e muito coração.

Agradeço ao SUS e a Ciência Brasileira sendo resistência na luta pela vida. Que apesar dos descasos do governo federal durante o período pandêmico, amenizou os impactos dentro do seu possível, salvando vidas e possibilitando o retorno do convívio das crianças em sociedade.

À CAPES por possibilitar a execução desta pesquisa com o apoio financeiro necessário às pesquisas do país.

RESUMO

A partir do inquietamento com a educação hegemônica a qual dociliza o corpo docente e discente em espaços escolares emparedados com práticas desconectadas com o universo natural, essa pesquisa provoca reflexões a respeito das infâncias e seus corpos-territórios a partir de uma realidade quilombola urbana desemparedada. Com o objetivo de investigar as infâncias quilombolas pertencentes à comunidade do Quilombo do Camorim/RJ e sua relação com o mundo natural manifestada no brincar, o projeto se deu por meio da formação de vínculo de confiança entre a pesquisadora e o grupo social em questão, em uma pesquisa-intervenção com a análise da interação das crianças com elementos naturais e sua afetação no âmbito do corpo, comportamento e simbologias presentes nos valores comunitários locais. Descrevemos quais as concepções de natureza e que conexões/relações as crianças residentes do Quilombo do Camorim possuem na intimidade ancestral com o território. Com o brincar que vem do corpo, a pesquisa se desdobra em um metodologia teórico-orgânica seguindo a ética do cuidado, descrevendo o campo após trazer à tona os teóricos decoloniais e os conceitos infância-natureza, ancestralidade e corpo-território.

Palavras-chave: infância quilombola; infância-natureza; brincar; corporeidade; território; Educação Ambiental Crítica

RESUMEN

Partiendo del malestar con la educación hegemónica que dócil a docentes y alumnos en espacios escolares amurallados con prácticas desconectadas del universo natural, esta investigación suscita reflexiones sobre las infancias y sus cuerpos-territorios desde una realidad quilombola urbana desaparecida. Con el objetivo de investigar las infancias quilombolas pertenecientes a la comunidad Quilombo do Camorim/RJ y su relación con el mundo natural manifestada en el juego, el proyecto se llevó a cabo a través de la formación de un vínculo de confianza entre el investigador y el grupo social en cuestión. ., en una investigación-intervención con el análisis de la interacción de los niños con los elementos naturales y su afectación en el ámbito del cuerpo, comportamiento y simbologías presentes en los valores comunitarios locales. Describimos qué concepciones de la naturaleza y qué conexiones/relaciones tienen los niños que viven en Quilombo do Camorim en su intimidad ancestral con el territorio. Con el juego que viene del cuerpo, la investigación se desenvuelve en una metodología teórico-orgánica siguiendo la ética del cuidado, describiendo el campo tras traer a la palestra los teóricos decoloniales y los conceptos infancia-naturaleza, ascendencia y cuerpo-territorio.

Palabras clave: niñez quilombola; infancias-naturaleza; jugar; encarnación; territorio; Educación Ambiental Crítica

ABSTRACT

From the uneasiness with the hegemonic education, which makes the faculty and students docile in school spaces, walled off with practices disconnected from the natural universe, this research reflected on childhoods and their body-territories from an unpaired urban quilombola reality. To investigate the quilombola childhoods in Quilombo do Camorim community, Rio de Janeiro, Brazil, and their relationship with the natural world manifested in playing, the project started by forming a trust bond between the researcher and this social group. Interventional research analyzed children interaction with natural elements and their affectation within the scope of the body, behavior, and symbology from the local community values. We described which conceptions of nature and connections/relationships the children living in Quilombo do Camorim have in their ancestral intimacy with the territory. With play coming from the body, the research unfolded a theoretical-organic methodology following the ethics of care, describing the field after bringing decolonial theorists to the fore and the childhood-nature, ancestry, and body-territory concepts.

Keywords: quilombola childhood; childhood-nature; to play; embodiment; ancestry; territory; environmental education.

LISTA DE SIGLAS

ACUCA - Associação Cultural Quilombo do Camorim

GiTaKa - Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental

IMM - Instituto Moleque Mateiro

MNRJ - Museu Nacional do Rio de Janeiro

PEPB - Parque Estadual da Pedra Branca

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

OIT - Organização Internacional do Trabalho

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Encontros de reconhecimento e formação de vínculo

Anexo 2. Cronograma dos Campos

Anexo 3. Campo 21.12.2021: desenhos de símbolos para a representação do Quilombo

Anexo 4. Campos 21.12.2021 e 02.07.2022: placas pirografadas com nomes das árvores e valores

Anexo 5. Campo 02.07.2022: desenhos do território para a cartografia participativa

Anexo 6. TCLs (adultos entrevistados, para responsáveis das crianças, para as crianças)

Anexo 7. Entrevista direcionada às crianças residentes do Quilombo

Anexo 8. Roteiro da Entrevista com Adultos – valores comunitários

Anexo 9. Entrevista com Adultos – valores comunitários

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <u>APRESENTAÇÃO INICIAL E TRAJETÓRIA</u> | 13 |
| <u>INTRODUÇÃO</u> | 15 |
| 1. <u>QUILOMBOS E SUAS INFÂNCIAS</u> | 21 |
| 1.1 Quilombos Hoje | 22 |
| 1.2 Quilombo do Camorim | 25 |
| 2. <u>REFERENCIAIS TEÓRICOS</u> | 31 |
| 3. <u>O “COMO” NO CAMINHO DA PESQUISA (METODOLOGIA)</u> | 36 |
| 3.1.Princípios Metodológicos..... | 37 |
| 3.2.Etapas Metodológicas | 40 |
| 4. <u>CRIANÇA-NATUREZA NA INTIMIDADE ANCESTRAL COM O TERRITÓRIO (ACHADOS DA PESQUISA)</u> | 42 |
| 4.1 Primeiro campo de dados | 43 |
| 4.2 Segundo Campo de dados | 60 |
| 4.3Terceiro Campo de dados | 74 |
| <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> | 79 |
| <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> | 81 |
| <u>ANEXOS</u> | 83 |

APRESENTAÇÃO INICIAL E TRAJETÓRIA

Nasci no bairro Andaraí, no Rio de Janeiro, onde permaneci por toda minha infância. Rodeada por uma família presente, unida e com íntima relação com o território. Meu corpo vivia o Andaraí, desde o relevo, com brincadeiras de rua, e me alfabetizei socialmente convivendo em uma relação comunitária. Aprendi com meus pais e família que viver nunca foi só para si. Com meus avós maternos sempre envolviam decisões e aprendizagens coletivas, os prazeres eram melhores compartilhados e os desafios da vida mais brandos quando atravessados juntos. Com eles aprendi que família é palavra grande, o que é viver em comunidade e o que é o amor em ação. Meu corpo foi um corpo brincante de rua, que jogou bola, peão, soltou pipa, fez rio em barro, subiu árvore, bolinha de gude e criou mil brincadeiras. Senti de forma latente o local que eu vivia: a cura de doença com folha, os doces de São Cosme e São Damião, a ladeira que cansava, a árvore que era um universo, lixo na rua, conflitos policiais com tráfico local. Teria que ter uma dissertação só para o Andaraí e o que é ser neta de Seu Mário e Dona Léa. Encantado pela vida, apesar da mente e emoções sempre estarem atentas às dores do mundo. Sou filha de uma educadora, mais que professora, pois sempre reflexia sobre sua prática de maneira crítica, dedicada às infâncias e sua integridade. Sempre com muita arte, cultura popular, inclusão e vivências que me fizeram ser quem eu sou hoje. As lentes para as crianças já estavam em processo de elaboração desde a minha própria infância. E o respeito à elas, sendo desenvolvido desde a observação de como se dava a relação de cuidado da minha mãe com seus alunos. Enquanto meu pai trouxe o olhar atento para a natureza, me levando para lugares desemparedados, sempre com um encanto às transformações no nosso entorno. E até hoje ainda são influências para mim: minha mãe me banhando de cultura e meu pai com a sustentabilidade na ação da palavra. Agora, sendo mãe acessei uma força que via na minha mãe que move e é sagrada. Sara, minha filha, me atenta e me faz transformar todo dia. Ser raiz é um desafio que grita presença. Entrega que recheia tempo, cabeça, coração. Amor que transborda, mas para o mundo, novas lentes com coragem, esperança, força e atenção às essências. Uma aprendizagem constante que me

fez entender ainda mais as infâncias. Inquietude que gera ação e mobilização social, atentando ao que nos leva a uma vida salutar e o que nos afasta.

As minhas primeiras experiências acadêmicas, como bolsista de iniciação científica no âmbito da Ecologia Aquática (ictiologia), começaram no Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ/UFRJ) de 2004 a 2007. Nos anos de 2008 e 2009, atuei como pesquisadora colaboradora no MNRJ junto às populações ribeirinhas no trecho médio do Rio Tocantins (MA), observando que os problemas ambientais se articulavam aos conflitos sociais na realidade de grupos atingidos por barragens. Foi nesse contexto que o brincar livre das crianças ribeirinhas e sua relação com território emergiram como questões a serem investigadas. A partir desta imersão, refleti sobre as infâncias urbanas e seu contexto de aprendizagem. Sou bióloga de formação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ao longo da graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, participei de projetos de extensão sob o enfoque da agricultura urbana e educação ambiental (Ocupação Verde Capim Limão, Muda Maré, Programa de Bolsas de Iniciação à Docência -PIBID) e organizações vinculadas ao Centro Acadêmico da Biologia /UFRJ. Idealizei, organizei e produzi em coletivo o Encontro Nacional de Estudantes de Biologia (ENEB, 2011) voltados para questões socioambientais nos centros urbanos, assim como Encontro Regional de Estudantes de Biologia nos grupos de trabalho voltados para soluções sustentáveis urbanas (EREBS de 2010 a 2013), assim como os projetos Bio na Rua (educação ambiental promovida nas praias cariocas e parques públicos) e a Semana de Biologia da UFRJ (finalidades científicas e de vivências relacionadas aos projetos de extensão), todos envolvendo base comunitária, como na Maré e regiões periféricas do Rio de Janeiro.

O exercício constante de reflexões a partir da teoria e da práxis amadureceu na formação como docente pelo Colégio de Aplicação/UFRJ e como educadora ambiental pela Ecobé Projetos Pedagógicos, instituições que proporcionaram espaços de formações de educadores em constantes desconstruções a respeito do universo infantil e toda a sua potência na transformação da sociedade. Por cinco anos na Ecobé atuando em projetos pedagógicos com escuta ativa diária das crianças de redes privadas e públicas, unida aos estudos quinzenais do universo da infância-natureza, ficou ainda mais

evidente o quanto a educação ambiental com a primeira infância era via de autoconhecimento, resgate da conexão com o universo natural e aprendizagens mútuas que fomentavam uma existência mais integrada. Crianças com falas sinceras, corpos ainda não docilizados e uma interação sensível com a vida em seu entorno, qualidades estas que me alertaram para o quanto nós, adultos, perdemos estas qualidades tão essenciais para uma leitura da realidade.

Minha relação com os quilombos urbanos da zona oeste do Rio de Janeiro se inicia por meio da atuação como cogestora e coordenadora pedagógica no *Projeto Socioambiental e de Fortalecimento do Vínculo Histórico Cultural dos Povos Quilombolas do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB)*, durante o ano de 2019 e início de 2020, realização do Instituto de Estudos Ambientais (Inea), execução pelo Instituto Moleque Mateiro com o protagonismo dos Quilombos: Cafundá Astrogilda, o Dona Bilina e do Camorim. Este projeto promoveu atividades de educação ambiental no PEPB, integrando o saber histórico-cultural quilombola e a preservação do bioma Mata Atlântica, estimulando a conexão do ser humano com a natureza. Dentre estes, o Quilombo do Camorim executou suas ações por meio da Associação Cultural do Quilombo do Camorim (ACUQCA) e nestas ações com escolas da rede de ensino público e comunidade local, me aproximei da comunidade do Quilombo do Camorim. Esta associação, fundada em 2003, realiza atividades de educação ambiental no Sítio Arqueológico Engenho do Camorim, na promoção da história local, fortalecimento da cultura afroameríndia e preservação ambiental com escolas da rede pública de ensino; possui uma horta comunitária para fins pedagógicos e uso da comunidade; realiza eventos de fortalecimento da cultura africana aberto ao público; fomenta uma rede de solidariedade de doações constantes para as comunidades, atendendo suas urgências. E por meio desta realização me aproximei da respectiva comunidade, seus valores, ações e modos de ser.

Atuo como educadora ambiental e pesquisadora pelo grupo GiTaKa (Grupo de Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental) que compõe o NINA (Núcleo Infâncias, Natureza e Arte) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), coordenado por minha orientadora Léa Tiriba. Neste grupo de pesquisa me

encontro nas frentes de extensão universitária, formações online de educadores, divulgação científica, comunicação e grupos de estudos internos aos quais se inserem em um grande projeto de pesquisa-extensão-ensino “*Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental*” que reúne e articula o cenário macro-político e o cotidiano de crianças e adultos nas dinâmicas sociais mais amplas e nos espaços micropolíticos. Na perspectiva de reinvenção de modos de viver e educar as pesquisas do GiTaka objetivam conhecer diferentes modos de organizar a vida e de educar que são próprias de comunidades e povos originários/tradicionais brasileiros, com vistas a contribuir para a superação do modelo escolar eurocêntrico emparedado, a descolonização dos processos educativos e a valorização/criação de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Neste grupo de pesquisa participo do núcleo de estudos das *Epistemes Nativas*, mediado pela pesquisadora Lúcia Cavalieri (UFF) com referenciais a partir de nossa matriz fundadora, filosofias de povos ancestrais, abordando conceitos como ancestralidade, pedagogias decoloniais e contracolônização. Desta forma, atuei no GITAKA durante os anos de 2020 a 2022 na interface entre a educação ambiental crítica, a educação popular, metodologia com criança e comunidades tradicionais no campo da infância-natureza.

Minha narrativa e interpretação da realidade a ser analisada neste projeto se apoiaram em referenciais decoloniais, assim como a minha conduta como pesquisadora em um vínculo que permeava o valor da ética do cuidado. E reconhecendo meu Lugar de Fala, que como nos traz Djamira Ribeiro, é um lugar social. Com a noção foucaultiana de discurso “de não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle” (RIBEIRO, 2019, p.55). Reconheço meu lugar de fala de mulher branca, mãe, classe média, professora. Estar na academia ainda é um privilégio considerando o contexto da população brasileiro e o acesso a universidades públicas, ainda mais federais. Busquei ao longo da pesquisa ter escuta ativa do grupo social, em um vínculo de confiança e diálogo sincero, sempre intencionando ecoar a realidade do local com cuidado ético de conduta e sendo canal de conhecimento legitimando sempre a voz das crianças e de toda a comunidade que entrei em contato. Minha metodologia se diz

orgânica, no sentido de estar viva. E sendo viva, me permiti afetar e ser afetada nessa relação tendo como propósito maior a promoção de uma educação emancipatória. Escrevi em contexto de exaustão de uma mãe de criança (4 a 7 anos) em período pandêmico, sem escola, instabilidade financeira, familiares próximos em tratamento, com demandas e constantes desafios diários de manutenção da saúde mental, física e emocional. Todos os dias dei o melhor de mim, acolhendo meus possíveis, mas na maioria, ultrapassando meus limites para amenizar o sofrimento dela e permanecer cultivando mobilizações sociais das pessoas que estavam em situações de vulnerabilidade social extrema. Mantive minha consciência acordada e me salvei com minha criança brincante junto a minha filha, e meu parceiro de vida Felipe. Foi com o corpo, apesar da sobrecarga, que me regenerava e me voltava para os agora com mais força e saúde para seguir com as ações.

Pesquisar crianças, educar e viver pelas infâncias é sempre manter os olhos atentos e uma busca constante para ser melhor. Me dói adultos que não enxergam as crianças como pessoas, fruto do histórico da nossa sociedade produtiva para o capitalismo e ocidental que deslegitima o sensível e o corpo. As crianças tem o que perdermos nessa educação que docilizou nossos corpos e engoliu nosso tempo natural. O que pesa é a sobrecarga dos cuidadores, a desigualdade e a falta de acesso aos direitos básicos. Criança criada em rede de cuidadores em liberdade, tendo a responsabilidade compartilhada e as demandas de cuidado o sistema se faz mais salutar. Com a intenção de firmar o brincar e uma infância mais salutar para a próxima geração, sinto ser urgente sabermos lidar e reconhecermos que estão em processo de formação das emoções e que o que viverem nessa primeira infância marcará para o resto da vida.

INTRODUÇÃO

“Sem a terra, não haveria vida humana nem aprendizado.

Existe-se hoje em ancestralidade” (Frederico Loureiro)

A partir do conjunto de sentimentos e percepções ao estudar e aproximar das matas, estudos acadêmicos no campo da ecologia e seus povos tradicionais e originários, sinto latente a síntese trazida pelo pesquisador e professor Frederico Loureiro em nosso encontro Conversatório FINAflor, formação aberta remota promovida pelo GITAKA no ano de 2021. Ao falar de quilombos, pensa-se à primeira vista que todos os quilombolas eram escravos fugitivos, logo, os remanescentes quilombolas seriam os descendentes daqueles. O conceito, porém, é outro. Dado pelo art. 2º do Decreto Presidencial nº 4.887/2003, inserido na OIT 169, segundo o qual se consideram remanescentes quilombolas “*os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida*”. Na apresentação do “Programa Brasil Quilombola” criado em 2004 com o objetivo de implementar políticas públicas interinstitucionais destinadas às populações quilombolas, entende-se por Quilombo, no capítulo de conceitos e histórico, pela seguinte definição: “*grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar*” (BRASIL, 2007). Como relatei em minha atuação no projeto dos Quilombos PEPB (Inea), os quilombos urbanos da zona oeste do Rio de Janeiro corroboram com a definição de quilombo apresentada acima em suas práticas tradicionais.

Este projeto situa-se na interface entre os campos da infância e das culturas ancestrais brasileiras e emerge a partir de minha observação sobre a comunidade quilombola em interação com o território, assim como a convivência entre crianças e adultos. A partir da premissa de que a cultura local tem a sua leitura de realidade constituída a partir de sua relação intensa com o território que habita. *Território* este que

pode ser visto como uma materialidade (configuração territorial) cuja apreensão por meio dos sentidos caracteriza-o como paisagem, como nos traz Milton Santos. Acrescentando como uma “forma política e econômica a caracterizar o espaço, categoria, objeto e totalidade social. O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a sua identidade.” (SANTOS, 2007, p. 14). A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. A seguir, a complementação da definição pelo mesmo autor ressaltando a interdependência entre o grupo social e o seu território:

“O território não é apenas um conjunto de formas naturais, mas um conjunto de sistemas naturais e artificiais, junto com as pessoas, as instituições e as empresas que abriga, não importa o seu poder. O território deve ser considerado em suas divisões jurídico-políticas, suas heranças históricas e seu atual conteúdo econômico, financeiro, fiscal e normativo. É desse modo que ele constitui, pelos lugares, aquele quadro da vida social onde tudo é interdependente, levando, também, à fusão entre o local, o global invasor e o nacional sem defesa (no caso do Brasil)”. (SANTOS, 2002, p. 84).

Portanto, o território está diretamente relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Entretanto, o território pode ser compreendido além da terra ocupada somente, sendo incluídos as relações presentes com o mesmo e valores culturais envolvidos.

Segundo Joelson Ferreira o território tem princípio, fim e meio:

“Princípio porque toda nossa ancestralidade estava alicerçada na terra... O princípio é, portanto, a terra, a luta por se manter nela ou retornar para ela. O fim, nosso objetivo final, é o território descolonizado do capitalismo, do racismo e do patriarcado. Ou seja, a superação dessas formas de dominação violentas a que fomos submetidos até agora. E o meio para conseguir obter essa vitória está nos próprios territórios, produzindo alimentos, nos dando autonomia, organizando as pessoas e protegendo vida, pois, se não tomarmos os territórios agora, talvez não exista vida para disputar no futuro.” (FERREIRA, 2021, p. 45)

A partir desta premissa trago a questões norteadoras de minha pesquisa: Como a vida das crianças está em conexão com o mundo natural, suas relações entre si e como elas são afetadas e afetam este ambiente? Compreendendo que “os seres humanos são modos de expressão da natureza que existem em conexão com outros modos de vida, humanos e não humanos” (ESPINOSA, 1983), tenho a intenção de investigar como o corpo-natureza do infante humano se expressa no contexto quilombola.

Como já foi dito, minha relação com os quilombos urbanos da zona oeste do Rio de Janeiro se inicia por meio da atuação no Projeto dos Quilombos PEPB. Entretanto, dentre os três quilombos nos quais atuei (Cafundá Astrogilda, Dona Bilina e Quilombo do Camorim), foi com a comunidade deste último que estreitei um vínculo de maior intimidade, graças à aproximação com a Associação Cultural do Quilombo do Camorim (ACUQCA). Esta promove ações de cultivo da história local, de fortalecimento da cultura afroameríndia e de preservação ambiental com escolas da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. A Associação possui uma horta comunitária para fins pedagógicos e uso da comunidade; realiza eventos de fortalecimento da cultura africana aberto ao público; fomenta uma rede de solidariedade de doações constantes para as comunidades do entorno, atendendo suas urgências. Foi nesse contexto que me aproximei de seus valores e modos de ser da comunidade. A partir dos encontros internos para a comunidade em elaboração conjunta com criação coletiva, mantendo a escuta ativa das demandas reais da comunidade, se formou uma relação de confiança com este núcleo quilombola.

Este Quilombo se insere na unidade de conservação do grupo de proteção integral, na zona de amortecimento do PEPB, de acordo com a Lei nº 9985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Entretanto, o reconhecimento do direito de permanência destas comunidades tradicionais existentes no parque, veio recentemente, através de pesquisas ecológicas que evidenciaram a relação de seu modo de vida com a presença da Mata Atlântica (Oliveira, 2010) e as suas origens afro-ameríndias de mais de cem anos, pelas pesquisas da arqueóloga Silvia Peixoto em sua tese pelo MNRJ na área. Dentre os povos que deram origem a esta comunidade estão o povo Bantu (africano) e os Tamoio-

Tupinambás (brasileiro), os quais foram confirmados a partir da análise dos fragmentos encontrados no local nas áreas de escavações, que alimentaram a coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ-UFRJ). Após esta pesquisa inaugurou o Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pertencente ao Quilombo, reconhecendo a presença da comunidade desde 1614 (PEIXOTO, 2019). A comunidade quilombola foi reconhecida como tal pela Fundação Palmares em 2014 e atualmente é reconhecida com suma importância para a preservação da mata presente, exercendo papel essencial na educação ambiental do entorno do Parque compartilhando o seu modo de vida e atuando em frentes de preservação, cultura e educação no respectivo sítio.

Cheguei à comunidade do Quilombo, no ano de 2019, como coordenadora pedagógica do *Projeto Socioambiental e de Fortalecimento do Vínculo Histórico Cultural dos Povos Quilombolas do Parque Estadual da Pedra Branca* (PEPB); projeto este realizado pelo Instituto de Estudos Ambientais (INEA/RJ), que, em parceria com o Instituto Moleque Mateiro (IMM), promovia atividades de educação ambiental, integrando o saber histórico-cultural quilombola e a preservação do bioma Mata Atlântica, estimulando à conexão ser humano-natureza.

Considerando tudo que foi discutido acima e a fim de respondermos as *questões norteadoras anunciadas anteriormente* vamos enunciar os objetivos geral e específicos que direcionam esse trabalho:

- Objetivo Geral:

Investigar as infâncias quilombolas pertencentes à comunidade do Quilombo do Camorim/RJ e sua a relação com o mundo natural manifestada no brincar.
- Objetivos específicos:
 1. Investigar em campo a interação das crianças com elementos naturais e a afetação;

2. Analisar como o corpo-natureza do infante humano desemparedado se manifesta ao brincar em interação com o universo natural;
3. Descrever qual a concepção de natureza e que conexões/relações as crianças residentes do Quilombo do Camorim possuem na intimidade ancestral com o território.

Para além dos objetivos, pensamos que o desenvolvimento dessa pesquisa permite a discussão de três aspectos descritos a seguir e que irão perpassar todas as nossas discussões daqui por diante. O primeiro deles se relaciona à questão ambiental, o segundo diz respeito à importância dos saberes tradicionais, o reconhecimento das crianças enquanto agentes de mudança e crianças quilombolas.

Nos dias atuais vivemos uma realidade global de emergência climática, devido às nossas relações destrutivas com nossos territórios e sua vida. Segundo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2022) faltam menos de três anos para o mundo reduzir as emissões globais e evitar um aumento ‘catastrófico’ da temperatura. Faz tempo que não se usa mais nas divulgações científicas o termo Mudanças Climáticas, sendo substituído por *emergência climática* devido ao contexto global que se encontra o nosso planeta. Tal contexto exige “redução substancial” do uso de combustíveis fósseis, preservação de florestas, uso de energias renováveis e uso de combustíveis alternativos. Este relatório se concentra em medidas para reduzir os impactos da crise climática, principalmente para os países do sul global que já enfrentam riscos extremos. A atual conjuntura mencionada se relaciona com o fato de que os seres humanos estão em desconexão com a natureza, os vêm de forma fragmentada e como um recurso a ser utilizado. São fundamentais os estudos que possibilitem a visibilidade de novas formas de atuação dos seres humanos fomentando uma relação mais saudável com a Terra. Buscar inspiração e reeducar nossa forma de se relacionar tendo como enfoque o cuidado.

O Segundo aspecto de importante contribuição desta pesquisa é o estudo se desenvolver em uma comunidade tradicional quilombola. As áreas de maior preservação no território brasileiro são as terras em que os povos originários e comunidades

tradicionais vivem. Considerando que precisamos de novas soluções para a regeneração da Terra e sua vida, acredito que esta pesquisa ao ter em seu recorte uma comunidade tradicional que mantém uma relação de preservação com seu território, possibilidade difundir saberes necessários para tal. Diante o fato do Quilombo do Camorim ser inserido na zona de amortecimento do PEPB e sua comunidade incluída nas ações de orientação da população que visita a área de proteção ambiental, reflete o reconhecimento da relevância deste povo tradicional na manutenção da mata atlântica presente. Somado ao valor ecológico, trago a ressalva trazida por Mauro Guimarães de que vivemos uma

“visão de mundo disjunta, fragmentando o olhar e a compreensão sobre a realidade, visão que separa as partes do todo focando na parte, numa perspectiva individualista e privatista e que cultiva uma postura desintegrativa e dicotômica que simplifica reduz a complexidade da realidade” (GUIMARÃES, 2011).

Investigar uma comunidade tradicional quilombola, portanto, aproxima de pedagogias decoloniais as quais enaltecem o pensar a partir de sua própria identidade. Esta comunidade com perfil de descendência afro-ameríndia possui uma cultura própria a qual está intimamente relacionada ao modo de vida e suas tradições. Povos que eram julgados como invasores, passaram a ser vistos como essenciais na educação da população do entorno do Parque compartilhando o seu modo de vida, o qual o ser humano possui em seus valores o pertencimento ao universo natural.

Como terceiro aspecto a contribuir como um retorno a sociedade está em ser uma pesquisa com crianças. As nossas infâncias se encontram invisibilizadas por nossa sociedade. As crianças não são ouvidas, nem acolhidas nossos processos de decisões com predominante dominação etária. A educação hegemônica de nosso sistema de ensino reproduz um modelo educacional que dociliza os corpos de nossas infâncias, impedindo a expressão de sua potência e fomentando futuras doenças ao alimentar práticas educativas emparedadas. Entretanto na citação de Bell Hooks abaixo nos atenta como nossas infâncias são vias de conhecimento:

“As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como ‘naturais’...” - fala de Terry Eagleton em *The significance of Theory* (HOOKS, 2017).

O trabalho se estrutura em quatro capítulos que se organizam, primeiramente, com a contextualização dos Quilombos brasileiros, o histórico dos Quilombos da Zona Oeste e do Quilombo do Camorim, e as infâncias quilombolas (Quilombos e suas Infâncias). No segundo capítulo os referenciais teóricos e de qual solo a pesquisa se baseou, se nutriu e teve seus princípios apoiados. Enquanto no Capítulo subsequente descreve a metodologia elaborada, seus processos de criação, assim como seus valores éticos, contendo suas etapas intencionais e executadas (O ‘como’ no caminho da pesquisa). Por fim, o Capítulo com os dados adquiridos no desenvolvimento do projeto e sua análise em diálogo com a teoria de referenciais que carregam conceitos que emergiram do campo.

1. QUILOMBOS E SUAS INFÂNCIAS



Imagem 1. Registro da família quilombola residente do Camorim em interação com o Rio do Camorim.

“Onde nasci e fui criado é uma encruzilhada de biomas, de ecossistemas, onde a caatinga e o cerrado se encontram. (...) A confluência é como se fosse uma lei da natureza. Ela é um movimento de natureza, constante e permanente que se responsabiliza pelo fortalecimento da vida na diversidade. A confluência é criação do diversal e não do universal” (Bispo, 2021)

Parto da imagem do núcleo familiar do neto da liderança do Quilombo do Camorim, pois esta cena representa elementos essenciais da presente pesquisa: seres humanos em íntima relação com o território e crianças-natureza. Antônio Bispo (Nêgo Bispo) traz na afirmação acima o encontro dos biomas distintos, tendo como efeito da confluência o fortalecimento da biodiversidade. Esta imagem e efeito também podem ser visto no encontro de culturas, como reconhecemos no Brasil e sua diversidade cultural. Encontro a cultura indígena e africana temos uma pluralidade imensurável cultural derivada destes encontros. Cada grupo étnico possui um conjunto de hábitos com formas de agir, ser e pensar o mundo muito peculiar com sua língua, conhecimentos da terra, alimentação, crenças e formas de se relacionar. As comunidades

quilombolas brasileiras participaram deste efeito cultural dos encontros originando comunidades diversas e com riquezas de saberes relacionados ao mundo natural que só estando próximo e em seu cotidiano possibilita compreender, e mesmo assim, seria parte do todo desta bagagem de sabedoria que vem uma intimidade ancestral com a terra, sagrada para os mesmos. Porém, reconheço nas que pude me aproximar, me relacionar e estudar, que existe uma essência que as une representada pela palavra latente em existência: pertencimento. Como trazido na seção da introdução o pertencimento ao universo natural é a visão de que o ser humano é parte deste universo natural, desta forma, afeta e é afetado pela mesma (natureza), sendo uma expressão desta. O conceito de pertencimento se aproxima dos modos de viver que legitimam o cuidado com a natureza. Pois já que somos parte, prejudicar a biodiversidade e os recursos naturais nos afetaria certamente. O individualismo veio a tona com a produção do capital e a lógica capitalista de existir para servir a esta produção. Desconsiderando o bem estar do ser humano durante toda a revolução industrial, tendo somente no caso das crianças, 33 anos da existência de direitos legais no cuidado com a qualidade existencial das infâncias, sendo consideradas como sujeitos de direito. Cuidar das infâncias é cuidar da saúde do planeta, e o contrário também. Cuidar da saúde planetária é ter um cuidado com a nova geração que irá existir neste território em mútua afetação.

1.1. Quilombos Hoje

“Fogo!... Queimaram Palmares,

Nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos,

Nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões,

Nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades

que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimem a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo,

Não queimarão a ancestralidade.”

Parto da poesia, primeiro pelo fato da arte ser expressão humana e possível manifestação política, ferramenta potente para comunicar saberes e clarezas de mundo, oriunda de movimentos presentes na sociedade. A arte que acessa o sensível e permite um canal de construção/desconstrução mútua por meio de suas peculiares linguagens, despindo identidades. A escolha por começar o presente capítulo com Antônio Bispo se deve ao fato do mesmo confrontar o interlocutor com sua intenção política e posicionamento que fomentam o movimento, como o autor o denomina: *contra-colonizador*. “*Vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios*” (BISPO, 2015). Esta pesquisa parte de um processo de desconstrução dos conhecimentos nos campos da educação, ambiente e cultura em minha trajetória formadora, tendo em sua base referenciais que partem de nossas epistemes nativas, na intenção de uma leitura de mundo, da realidade, a partir de saberes que libertam da anterior e ainda presente, lógica eurocentrada (colonizadora).

Reconheço estes grandes mestres das comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas e das culturas populares) como educadores ambientais ativos e bibliotecas vivas sendo fontes essenciais para a elaboração de novas práticas educacionais para a liberdade. Em conexão com o território, estes referenciais decoloniais partem de vivências e sustentam modos de vida que revelam o significado mais amplo de território, que se dá em suas relações, mantido em sua maioria pela oralidade os quais honram a sua ancestralidade, com a legitimação dos saberes acumulados ao longo do tempo na intimidade com a terra. Aproximar das lentes da cosmovisão de Bispo nos inquieta e atenta para o processo colonizador histórico no Brasil revelando-o como um sujeito da ação política que afeta o campo de existência individual e coletivo.

“O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afro-pindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo euro monoteísta. No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores... Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas” (SANTOS, 2015, p.37).

O significado do termo Quilombo foi se transformando ao longo da história. “Historicamente, até o início da década de 1990, a palavra ‘quilombo’, atávica à experiência de Palmares, era identificada como um ato de resistência pensado nos termos da cultura masculina (guerra, violência, virilidade)”... “Em 1988, quando se estabeleceu na Constituição Federal o direito territorial dos chamados ‘remanescentes das comunidades de quilombos’, a resistência quilombola era pensada, com raras exceções, por meio de uma perspectiva masculina bélica. De todo modo, a promulgação do direito na forma de artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), foi comemorada como uma vitória da luta antirracista, já que, de maneira inédita, a legislação concedia o direito a setores da população negra. Entretanto, durante quase uma década após a criação do dispositivo jurídico, a aplicabilidade da lei ainda esbarrava na definição tradicional de quilombo, entendido como um lugar isolado onde negros de refugiavam” (ALMEIDA, 2022, p. 30, 31)

A Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais foi editada a partir da necessidade dos povos interessados de se autodeterminar, ou melhor, como consta no preâmbulo, aspiração de “assumir o controle de suas próprias instituições e formas de vida e seu desenvolvimento econômico, e manter e fortalecer suas identidades, línguas e religiões, dentro do âmbito dos Estados onde moram”. Apesar de fazer referência expressa às populações indígenas e tribais, o alcance das disposições da Convenção vai bem mais além, atingindo os povos e as comunidades tradicionais. Entre eles, os remanescentes quilombolas no Brasil. À primeira vista, pensa-se que quilombolas eram escravos fugitivos, logo, os remanescentes quilombolas seriam os descendentes daqueles. O conceito, porém, é outro. Dado pelo art. 2º do Decreto Presidencial nº 4.887/2003, segundo o qual se consideram remanescentes quilombolas:

“os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (art. 2º do Decreto Presidencial nº 4.887/2003)

Na apresentação do “Programa Brasil Quilombola” criado em 2004 com o objetivo de implementar políticas públicas interinstitucionais destinadas às populações quilombolas, entende-se por Quilombo, no capítulo de conceitos e histórico, pela seguinte definição:

“grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar” (BRASIL, 2007)

Recorrendo à História dos quilombos do Brasil, Walburga traz que é possível apreender pelo termo três questões pelos estudos de Arruti (2006) e Gusmão e Von Simson (1989): resistência cultural (com foco na permanência, preservação ou produção de cultura africana no Brasil), resistência política, “*busca identificar as formas pelas quais as classes populares se comportam frente à ordem dominante*” (ARRUTI, 2006, p. 73) e resistência inteligente (tramas da relações vividas o ser negro busca o resgate de si mesmo e do grupo a que pertence). Este última como defendem as autoras Gusmão e Von Simson “*elemento ativo da realidade social, sua forma de ser, ainda mediatizada*

pelo branco, permite construir espaços próprios e específicos” (GUSMÃO e VON SIMSON, 1989, p. 218). Apontam que na construção dos espaços próprios, a comunidade se organiza e cria meios para conviver e estabelecer ações de superação em contexto adverso, como eu presenciei acompanhando o Quilombo do Camorim.

Neste trabalho intenciono firmar identidades, resgatar a história da nossa matriz fundante a fim de uma melhor compreensão da realidade e fomentar alternativas de modos de ser e agir em uma relação saudável com o mundo natural. É preciso reconhecer o que as comunidades tradicionais quilombolas e povos originários mantêm em conexão ao legitimar seus saberes e existência, a partir de uma compreensão de que a preservação do mundo natural sofre influência da forma como nos relacionamos com o mesmo. E como apresentei na seção da introdução, os territórios mais preservados são os que têm estas comunidades habitando, apesar de sua diversidade cultural, existe uma essência em valor: pertencimento. Ser parte de uma grande unidade reconhecendo que afetam e são afetados pela mesma, e que este planeta é onde vivemos e de onde vêm.

1.2 Quilombo do Camorim

Como relatado na atuação no projeto dos Quilombos PEPB (Inea) na seção de introdução da dissertação, os quilombos urbanos da zona oeste do Rio de Janeiro sustentam práticas tradicionais de resistência em seu modo de vida, às quais mantêm a mata presente no PEPB e em sua zona de amortecimento preservada. Dentre os quilombos presentes no projeto, escolhi para a presente pesquisa atuar na investigação das infâncias do Quilombo do Camorim. O Quilombo do Camorim está inserido na zona de amortecimento da unidade de conservação do grupo de proteção integral, o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), de acordo com a Lei nº 9985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Em 1978 ocorreu a criação do PEPB, entretanto a comunidade quilombola está presente na área desde 1614, segundo estudos arqueológicos a partir de amostras de objetos oriundas de escavações no local.

Entretanto, o reconhecimento do direito de permanência destas comunidades tradicionais existentes no parque, veio recentemente em 2014 através de pesquisas ecológicas que evidenciaram a relação de seu modo de vida em interação com a Mata Atlântica (Oliveira, 2010) e as suas origens afro-ameríndias de mais de cem anos, pelas pesquisas da arqueóloga Silvia Peixoto em sua tese pelo MNRJ. Dentre os povos que deram origem a esta comunidade estão o povo Bantu (africanos) e os Tamoio-Tupinambás (brasileiros), os quais foram confirmados a partir da análise dos fragmentos encontrados no local nas áreas de escavações, que alimentaram a coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ-UFRJ). Após esta pesquisa foi inaugurado o Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pertencente ao Quilombo, reconhecendo a presença da comunidade desde 1614 (PEIXOTO, 2019).

A comunidade quilombola do Camorim é composta por 23 núcleos familiares, de cultura jogueira, tendo em seus núcleos mais atuantes nas frentes culturais, educacionais e ambientais, uma relação de matriarcado com as mulheres presentes nos poderes de decisão. Entretanto, a liderança Adilson Batista sempre lutou pelas conquistas em prol da comunidade em uma relação de diálogo e respeito. A conquista que os legitimou burocraticamente enquanto uma comunidade tradicional e de direitos como tal, foi a certificação pela Fundação Palmares em 2014. Atualmente é reconhecida com suma importância para a preservação da mata presente, assim como os recursos hídricos da região, exercendo papel essencial na educação ambiental do entorno do Parque; compartilhando o seu modo de vida e atuando em frentes de preservação, cultura e educação no respectivo sítio. A Associação ACUQCA realiza atividades de educação ambiental no Sítio Arqueológico Engenho do Camorim na promoção da história local, fortalecimento da cultura afroameríndia e preservação ambiental com escolas da rede pública de ensino; possui uma horta comunitária para fins pedagógicos e uso da comunidade; realiza eventos de fortalecimento da cultura africana aberto ao público; fomenta uma rede de solidariedade de doações constantes para a comunidade, atendendo-a em suas urgências.

O Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) constitui uma Unidade de Conservação (UC) do grupo de proteção integral, de acordo com a Lei nº 9985/2000. As comunidades Quilombo Dona Bilina, Quilombo do Camorim e o Quilombo Cafundá Astrogilda destacam-se como comunidades tradicionais existentes hoje no Parque Estadual da Pedra Branca e são fundamentais para que a floresta se mantenha conservada. A transmissão do saber ancestral quilombola dá continuidade à oralidade praticada por muitas etnias na África há mais de mil anos, conectando o indivíduo à natureza, à geografia, fauna, flora, ervas medicinais, história, arte, cultura e tradição.

Pelo PEPB o Quilombo desenvolveu um projeto para o fortalecimento da história local e sustentabilidade da região, através da valorização da cultura quilombola. As ameaças apresentadas pela comunidade do Camorim dizem respeito ao relacionamento com os moradores da região com distanciamento social entre os condomínios vizinhos e o Quilombo; uma especulação imobiliária que expulsa a comunidade local; preconceitos para com as práticas culturais quilombolas; problemas de relacionamento da vizinhança com o Inea (PEPB), por questões ligadas às atividades permitidas em áreas de amortecimento do Parque; além de como em vários bairros da zona oeste do Rio de Janeiro, sofre com os conflitos sociais de disputa de território com outras camadas de poder, principalmente a milícia.

Como relatado na seção da apresentação, minha aproximação com o Quilombo do Camorim se dá em 2019 por meio da atuação como coordenadora pedagógica no *Projeto de Fortalecimento do Vínculo Histórico Cultural dos Povos Quilombolas do Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB)* – “Projeto Quilombos PEPB” que foi executado pelo Instituto Moleque Mateiro (IMM), sob supervisão técnica do Instituto Estadual do Ambiente (INEA). Traçando um plano de trabalho com atividades e ações com protagonismo quilombola visando no âmbito do projeto elaborar oficinas internas (público comunidade quilombola do Camorim) e externas (rede de ensino público RJ, visitante selecionados e vizinhança). Cultura educação e ambiente eram as vertentes, porém os roteiros de Turismo de Base Comunitária estavam inclusos visando um modelo de gestão e visitação protagonizado pela comunidade, com foco na vivência intercultural, valorização histórica e cultural das populações, bem como a utilização

sustentável, para fins recreativos e educativos, dos recursos do PEPB. Seriam num total 20 oficinas, tendo em média 4 horas de duração, entretanto devido a pandemia, foram realizadas 11. E para a presente pesquisa, realizei a análise dos campos incluindo minhas reuniões com a comunidade pelo projeto Quilombos PEPB, totalizando 16 ações no período de 2019 a 2020. (Anexo Cronograma dos Campos)

O Projeto havia começado em 2018, entretanto, foi em 2019 que ganhou corpo e ações frequentes locais. No primeiro Produto elaborado pela equipe do IMM atuou em escutar a comunidade quilombola com suas aspirações para o Projeto, assim como o que consideraria ser uma ameaça para o alcance destas. Os sonhos individuais apresentados referiram-se ao fortalecimento histórico cultural quilombola dentro da comunidade; visibilidade local para o quilombo e suas atividades; parceria Quilombo – Inea, com o reconhecimento do PEPB como uma UC que busca: *“Fortalecer a história e sustentabilidade da região, através da valorização da cultura quilombola, trazendo visibilidade para o quilombo e o reconhecimento do PEPB como uma UC parceira da comunidade”* (In Produto 1 – Projeto Quilombos PEPB). As ameaças apresentadas pela comunidade eram a respeito do conflito entre a mesma e os moradores da região (distanciamento social entre os condomínios vizinhos e o Quilombo, preconceitos perante as práticas culturais quilombolas e problemas também de relacionamento da vizinhança com o Inea (PEPB), por questões ligadas às atividades permitidas em áreas de amortecimento do Parque). Com receio, porém com coragem o Projeto seguiu num movimento atento e constante com protagonismo quilombola e firmamento do fomento da educação socioambiental crítica, manutenção da cultura afroameríndia local, fortalecimento da comunidade (aspecto relacional e econômico), assim como o motivo principal de origem do mesmo: a preservação ambiental da mata e sua biodiversidade.

A presença de outras comunidades quilombolas também em locais de mata preservada e ainda recursos hídricos abundantes, é evidenciada na região de Campo Grande, com a presença do Quilombo Dona Bilina e uma comunidade agrícola presente na região do Rio da Prata, e o Cafundá Astrogilda, em Vargem Grande. Acompanhando estas comunidades no projeto Quilombos PEPB aproximei de seus modos de ser, agir e pensar, reconhecendo seus valores e práxis. E no íntimo, do olhar atento, vi o quanto

estas três comunidades são apropriadas de sua história, e reconhecem suas práticas tradicionais como um saber de suma importância a se passar para as próximas gerações. Em todos os roteiros, havia a presença da história local, práticas agrícolas agroecológicas, bioconstrução, gastronomia sustentável unida a cultura local e museus ao ar livre com objetos que tinham valor de seu patrimônio imaterial. Uma real aproximação da realidade revelou para mim uma consciência de território que vinha do corpo, assim como o valor de se saber a sua origem e trajetória comunitária. Vi lideranças, crianças e todos da comunidade dos núcleos mais ativos possuidores de saberes próprios e legítimos na manutenção da biodiversidade local, e consequentemente, tendo protagonismo educativo ambiental crítico.

Indo contra essa preservação cultural e ambiental, o Estado se apresenta como agressor na relação estabelecida historicamente com estas comunidades tradicionais. A invisibilidade social construída é um fato que se revela a partir da ausência de medidas públicas básicas não atendendo os direitos humanos de sobrevivência dessa população. O pesquisador e educador Frederico Loureiro traz que os povos tradicionais *“de um modo geral, são grupos que possuem elevado grau de vínculo e dependência de seus territórios, e práticas econômicas e culturais estabelecidas na reprodução das condições básicas de vida.”* (LOUREIRO, 2019, p. 76). Considera estes como grupos prioritários no protagonismo educativo ambiental crítico, considerando a especificidade do capitalismo brasileiro e seus impactos e conflitos ambientais. Existe de fato em suas atividades, processos e organizações produtivas, somado ao elevado grau de territorialização dos mesmos outras formas de se relacionar que enaltecem o valor de pertencimento ao universo natural, com suas cosmovisões em constantes práticas de conexão com o mesmo. Reconheci nos Quilombos da Zona Oeste que entrei em contato, esta teoria de Loureiro, a partir do vínculo afetivo, escuta ativa e análise crítica da realidade destas comunidades. Confesso que é tão sincera a existência e presença destes modos de ser que essa evidência se revela a todo momento quando se está disposto a observar, trocar e aprender. E nesta pesquisa, a cada encontro com as escolas e as crianças locais em interação com o território, e posteriormente, em uma etapa de pesquisa-intervenção (seção 4.2), pude sentir o quanto aprender alimenta uma força vital oriunda de resistências e existências em lutas coletivas.

Durante o “Quilombos PEPB”, realizei como coordenadora pedagógica a ida de 11 grupos da rede de ensino público e cinco reuniões de planejamento, mais visita técnica. Com as escolas institutos federais e universidade públicas minha atuação se dava em trazer a relevância dos aspectos ambientais, executando além da participação como educadora socioambiental, o registro do encontro (relatório e registro fotográfico), a mediação com os alunos, e escuta da comunidade quilombola a respeito das situações do cotidiano. Neste servir, reconheci o tratamento dos adultos com as crianças, o conteúdo do roteiro até então elaborado por eles. Esta comunidade quilombola se apresentava com cultura jogueira, rodeado de mata densa, um sítio arqueológico recheado de histórias, trilhas com árvores ancestrais e uma comunidade intensamente ativa na educação, cultura e preservação ambiental. Deste modo, escolhi realizar a presente pesquisa consultando os quilombolas da ACUCA e a liderança quilombola se estariam de acordo.

Após escolher o Quilombo do Camorim como a comunidade que iria mergulhar em uma troca voltada para a pesquisa por meio do ingresso do mestrado, ocorreu o resgate dos relatórios elaborados por mim no Projeto Quilombos PEPB durante a atuação como coordenadora pedagógica a fim de usá-los como material de dados da *Etapa III* da metodologia. Nestes documentos coletei o registro das 11 ações realizadas em conjunto com este Quilombo (anexo Quilombos PEPB). Este momento de reconhecimento da comunidade por meio da observação e escuta sensível analisei o perfil da comunidade local (presente no Capítulo 1 na seção Quilombo do Camorim), assim como as relações entre si (etária, funções, ritos). E a partir de outras pesquisas acadêmicas, trouxe a história local e a composição da comunidade com seus povos que deram origem a presente comunidade. A criação de vínculo/confiança com a mesma foi a partir da frequência, assim como a consulta constante de avaliações dos processos criativos e de execução das ações no projeto Quilombos PEPB, tendo resultado positivo no beneficiamento da comunidade, assim como no crescimento metodológico de ensino, havendo um câmbio de saberes entre as partes executado de maneira horizontal.

Nos roteiros elaborados pelos quilombolas, todos possuíam: histórico socioambiental da região com a apresentação do Sítio Arqueológico; oficina de jongo;

alimentação tradicional; trilha pedagógica com as árvores ancestrais, circuito das águas e evidências relacionados aos saberes da terra e da mata; plantio de árvores e circuito da horta comunitária. Pude somar com brincadeiras corporais relacionadas à natureza, assim como evidências científicas no que dizia respeito aos ciclos e processos naturais, porém o conhecimento dos quilombolas perante estes sempre se ampliava trazendo o sagrado e conhecimento a partir das vivências, como as grandes chuvas, benefícios das plantas e animais presentes na região. Na oficina de jongo era um canto que contava sempre história, valores e tradições locais. A partir destes roteiros, percebo o enaltecimento da história vivencial somado ao orgulho dos povos que deram origem a atual comunidade quilombola. E em todas as abordagens, o valor da natureza em uma relação de pertencimento, sendo unidade, parte de um todo grandioso e valioso. Além deste, nas mediações afirmavam a todo momento a importância e motivo da escolha de sempre receber o público de jovens, por serem a nova geração e que as escolhas deles que fariam parte da construção do futuro do nosso planeta. Metodologias que legitimavam a corporeidade, assim como a forma como as crianças residentes se relacionavam com os elementos naturais, só mostravam como os mesmos tinham apropriação do território em uma intimidade de convívio e experimentações.

Além de aproximar da comunidade quilombola por observação e promovendo um vínculo de confiança que se deu de maneira natural, busquei escutar os valores comunitários locais realizando entrevista com adultos do núcleo familiar mais atuante nas ações do Quilombo, sendo Adilson Almeida e Rosilane Almeida e Herick Almeida, e a coordenadora pedagógica da ACUCA, Lúcia Garcia. Devido ao contexto pandêmico, as respostas foram enviadas por meio de áudios pela plataforma do whatsapp. Em seguida, destaquei os conceitos que emergiram a fim de colaborar com a metodologia presente neste projeto e contextualização das crianças residentes. A entrevista se encontra no *Anexo 8* deste documento, e as devidas transcrições no *Anexo 9*. As perguntas foram elaboradas visando os objetivos da presente pesquisa, sendo estas: *Que valores estão presentes no Quilombo do Camorim? O que acreditam ser natureza? Como se dá a relação com a natureza? Como vêm a infância e se relacionam com as crianças residentes do Quilombo do Camorim? Como começou a atuar na educação (história), qual a sua principal motivação como educadora (valores)*

e como se dá a educação no Quilombo (metodologia)? * esta última foi direcionada somente para a coordenadora pedagógica

Conceitos Presentes

Entrevistado Adilson Almeida

Quilombo - ancestralidade – natureza - relação valores, afeto, preservação e cuidado – pertencimento – concepção de infância

Entrevistada Rosilane Almeida

Quilombo – cultura - ancestralidade - interdependência - cotidiano e sua relação com a natureza – valores quilombolas

Entrevistado Herick Almeida

Conexão – natureza - relação ser humano e outras formas de vida – cuidado/ preservação – pertencimento – território - infância no Camorim – cotidiano

Entrevistada Lúcia Garcia

Quilombola – natureza e interdependência – pertencimento – pureza da infância – contexto social jovens negros – liberdade e dignidade - compromisso social comunitário - preservação do território - ancestralidade

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

“...entendemos o processo de pesquisa como um processo reflexivo. Tal processo possibilita nos darmos conta e explicar nossas próprias ações e a diversidade de condicionantes que as determinam. Assim, a reflexão permite levar em conta a relação entre teoria e prática, entre pensamento e ação” (SANJURJO, 2002).

Apoiado nesta premissa apresentada por Sanjurjo, o projeto de pesquisa visa refletir criticamente sobre a educação com a primeira infância. Neste movimento constante de diálogo entre teoria e prática, pensamento e ação. Corroborando com tal pensamento aprofundo trazendo o *método Spinozista* que é o conhecimento reflexivo, no qual o método busca uma reflexão sobre o que lhe fundamenta. Este filósofo defende a posse da *idéia verdadeira* na intenção por evoluir nosso conhecimento. Idéia verdadeira esta seria o *conhecimento de causa*. E que a clareza da idéia está intimamente ligada a sua simplicidade, no caso, seriam essências de saberes. Nesta busca pela causa, Castro (2007) traz em sua análise deste método que devemos entender nosso objeto de investigação através de sua *essência* (causa de si mesmo), ou mesmo através de sua causa próxima (se a causa não for em si). Firmo aqui uma observação a respeito deste termo objeto de investigação, prefiro usar como organismo, pois objeto sofre a interação de quem o afeta sem reação intencional, ou desprendido de emoções e escolhas. Sendo assim neste projeto, chamarei de grupo social envolvido ou organismo, considerando a comunidade com um organismo que sofre constantes transformações, mas que é possuidora de uma identidade e existência viva.

Desta forma, o projeto abarca sobre os conceitos de *Educação Ambiental Crítica* (Frederico *et al.*, 2011; Loureiro & Layrargues, 2013); *Educação de Base Comunitária* (Loureiro & Layrargues, 2013); *Memória Oral* (Demartini,1992) (Toledo & Barrera-Bassols, 2015); *Educação como prática da liberdade* (Hooks, Alves, 2003); *pedagogia decolonial* (Walsh, 2013; *método reflexivo de Espinosa*(Castro, 2007); *quilombismo e ancestralidade* (Nascimento,2019); *relação infância-natureza* (Tiriba, 2005); *infâncias quilombolas* (Santos, M. Walburga, 2010); *território* (Santos, 2007).

Como ressaltado na seção da justificativa, esta pesquisa firma sua investigação em uma comunidade tradicional quilombola, a qual possibilita a aproximação de saberes que venham a fomentar pedagogias decoloniais. Pauto-me na definição de Catherine Walsh destas pedagogias outras, as quais “estimulam o pensar a partir de genealogias, racionalidades, conhecimentos, práticas e sistemas civilizatórios e de vida distintos. São pedagogias que incitam possibilidades de estar, ser, sentir, existir, fazer, pensar, olhar, escutar e saber de outro modo, pedagogias encaminhadas em direção a processos e projetos de caráter, horizonte e intenção decoloniais” (WALSH, 2013).

Para contracolonizar, como Antônio Bispo defende uma expressão anticolonial e sua dominação que formou o nosso sistema de ensino hegemônico, como um posicionamento político: busquei adentrar em referenciais que representem a filosofia de nossos povos da floresta originários e tradicionais (indígenas e quilombolas) da realidade e reflexão da mesma. Tendo assim, Krenak e Bispo, e teóricos decoloniais Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Joelson Ferreira e Mariléa de Almeida. E fomentando pedagogia decolonial a Catherine Walsh e J. Mota neto. Pois como afirma Krenak “somos um contínuo de memória” (KRENAK, 2020). Paulo Freire (2003, 2008, 1987) dizia que para que seja transformadora, a educação deve estar ligada aos interesses das camadas populares, superando a invasão cultural que há séculos tem servido como instrumento de dominação dos opressores sobre os oprimidos. Desta forma é urgente “Ora, não é possível enfrentar a invasão cultural, a colonialidade e o colonianismo intelectual e pedagógico se não aprendermos a estabelecer outra relação com o saber local, com as histórias de vida dos educandos, com as necessidades concretas dos movimentos sociais, com os desejos e os medos das classes populares.” (COLARES, 2017) Neste fomento da pedagogia contracolonial, unindo aos teóricos Fals Borda e Freire, firmei em minha metodologia e atuação apresentada na seção 4.2, que para ter sentido e ser efetiva, estivesse “organicamente” ligada às situações de vida dos grupos sociais envolvidos e à sua realidade regional e nacional.

Os povos originários consideram a terra como a Mãe Terra (Pachamama) por muitas razões. “Aprendemos que, sendo uma mãe, não devemos dividi-la, dando a cabeça para um filho, o estômago para outro e um pé para outro. Ela só existe em sua

unidade e em sua unicidade... Quando pensamos território... estamos falando de um lugar cheio de símbolos de pertencimento alicerçados na abundância da vida.” (FERREIRA, 2021, p. 43). A fim de dialogar com os valores afro-ameríndios presentes na cultura do Quilombo do Camorim e compreender a realidade a partir de uma visão de pertencimento da natureza, como se relacionam com seu território em unidade. Para abranger o conceito de *natureza* e nossa relação com a mesma, encaro “o homem como uma modificação (modus) dos atributos divinos”, visão trazida pelo filósofo Espinosa (CHAUI, 1988, p.14). Desta forma essa pesquisa tem como objetivo olhar para a relação entre as crianças e delas com os outros modos em que a natureza se expressa.

“De todas as expressões que emanam de uma cultura, os conhecimentos sobre a natureza configuram uma dimensão especialmente notável, uma vez que refletem a sagacidade e a riqueza de observações sobre o entorno realizadas, guardadas, transmitidas e aperfeiçoadas no decorrer de longos períodos de tempo, sem as quais a sobrevivência dos grupos humanos não teria sido possível. Trata-se dos saberes transmitidos oralmente de geração para geração, e especialmente dos conhecimentos imprescindíveis e cruciais, por meio dos quais a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza.” (Toledo, V. M. & Barrera-Bassols, N. 2015).

A partir desta afirmação e Demartini (1992), este trabalho se apóia na memória oral presentes na respectiva comunidade quilombola e na observação das crianças em sua interação com a natureza. Investigar a infância em seu território emerge na intenção de conhecer a partir de seus olhares e como vias de conhecimento da realidade. O posicionamento a partir da visão de encarar “a criança como política fundamental na transmissão de conhecimento ancestral” (RUFINO & SIMAS, 2019) se une ao que reconheci no contato prévio com as crianças residentes do Quilombo. E como trazido em um encontro de 2021, o Conversatório FINAflor (formação aberta promovida pelo GITAKA), a Laura dos Santos do Quilombo do Campinho da Independência – Paraty-RJ, traz o território enquanto educador. E nesta trajetória de 12 anos na primeira infância reconheço seja na intensa troca em um ambiente natural com terra e água, seja na realidade emparedada escolar, o espaço-tempo e sua matéria quando atravessada pela criança apresenta infinitas possibilidades de interação-criação. O que varia de um ambiente para outro é este encontro promover saúde ou enfermidade, assim como os

aspectos emocionais percebíveis a olho nu a partir da reatividade de cada criança e suas emoções derivadas. Como Jader Janer trouxe neste mesmo encontro mencionado de 2021: “Ao nos aproximarmos das condições éticas e responsivas com o ser e estar das crianças, falamos também em uma justiça existencial”. Neste compromisso existencial busquei investigar as infâncias com a intenção de práticas educativas que contribuam para a integridade destas.

A criança em contato com o território permitindo que seu corpo-natureza seja expresso, assim como seu papel em dar continuidade aos conhecimentos ancestrais oriundos das práticas inclusivas de infância. No recorte de infância quilombola trago Walburga dos Santos (2010) em diálogo com Miguel Arroyo e Maurício Silva, com o corpo-criança (2012). Com o intuito de investigar a *relação infância-natureza*, tem em seu solo Capra (2006), Léa Tiriba (2005), Menendez, I. G. (2018). Considerando o divórcio histórico entre o ser humano e a natureza na história da humanidade ocidental. Separação esta que cresce com a apropriação da Terra e ruptura de modos de vida em conexão com o universo natural (TIRIBA, 2005). Na busca de se resgatar a conexão com o mundo natural em nossas infâncias unida “*a intuição de que só é possível preservar aquilo que amo, e só é possível amar aquilo com que me relaciono concretamente*” (TIRIBA, 2005).

Como Clarice Cohn trouxe ao esclarecer etnografia: “entendendo ser esse o melhor meio de entendê-las em seus próprios termos porque permite uma observação direta, delas e de seus afazeres, e uma compreensão de seu ponto de vista sobre o mundo em que se inserem.” (COHN, 2005). A lógica que vem de uma educação conteudista, que deslegitima as emoções, a qual desconsidera aprendizagem do lado de fora da escola, enaltece o pensamento lógico/ a razão acima do sentir/do sensível.

A interação entre criança e natureza a ser investigada será no enfoque do brincar, apresentado na seção da justificativa por meio do teórico Winnicott (2019), legitimando a origem do pensamento simbólico e a natureza do gesto criativo que são enfatizados como processos essenciais na formação do indivíduo em sua onipotência. “*É no brincar, e apenas no brincar, que a criança ou o adulto conseguem ser criativos e utilizar toda a sua personalidade, e somente sendo criativo o indivíduo pode descobrir o*

self” (WINNICOTT, 2019). Para Krenak, “*Brincar com a Natureza é nutrir o interesse pelo mundo*”. A criança sempre nos aproxima dos sentidos nascentes, continua brincante e mestre, Severino Antônio. E considerando as crianças com seus corpos como via de conhecimento, que em brincadeira ficam ainda mais vivo, quando em natureza, ficam em comunhão com a matéria. E é ali, na troca com o meio em que estão que se formam e em vínculo mantém esse interesse trazido por Krenak. Com a união destas sabedorias, mais que conhecimentos, que me alimento e escolho o solo o qual a minha pesquisa irá germinar.

A existência humana em sua história sofreu por meio da valorização do pensamento lógico sobre o sensível o fomento ao divórcio entre ser humano e natureza. E tal feito colaborou com práticas que nos afastam da visão do nosso pertencimento ao universo natural, e conseqüente promoção de um tratamento de descuido para com o mesmo. A seguir exponho a reflexão trazida pela pesquisadora Léa Tiriba em sua tese:

“investigar e questionar as bases de uma cosmovisão que impõe divórcios e modela as relações e os espaços educacionais. Religar o que foi historicamente divorciado, articular razão e emoção, trabalho e prazer, cuidado e educação: este é um desafio fundamental na luta por uma nova sociedade planetária, fundada no cuidado entre os humanos; no respeito à cada pessoa e à diversidade cultural dos povos. E, igualmente, no cuidado com a natureza, no respeito à biodiversidade, buscando superar o divórcio fundamental da modernidade (entre ser humano e natureza) e a cultura antropocêntrica que o constitui.” (Tiriba, 2005, p.86)

No caminho desta reflexão durante este projeto busquei por teóricos decoloniais a fim de compreender a realidade a partir desta perspectiva aproximada numa íntima relação com o território, assim como o encarar na natureza com sujeito que afeta e é afetado pelos seres humanos, e que educa as nossas infâncias. Ailton Krenak aproxima desta visão, como vemos em sua fala de que uma criança aprende com o Rio em seu relato a respeito do rio que a sua comunidade indígena conviveu na aula espetáculo *Os rios e as cidades*, disponível na plataforma YouTube. E nos faz um convite: “*Vamos aprender a língua da água ? Vamos escutar a voz dos rios ? Os rios falam. Viva os rios vivos*”. Este convite foi após apresentar a sua indignação com que os centros urbanos se relacionam com seus corpos d’água, com tamanha poluição e perda da interação das nossas infâncias com os mesmos. No Rio do Camorim, como irei relatar em meus

campos, ainda se apresenta como um corpo que interage com a infância local e ainda permanece sagrado para os quilombolas residentes.

O cotidiano das crianças e adultos está descolado do mundo natural. Para o filósofo Espinosa, os seres humanos são modos de expressão deste mesmo mundo. (Espinosa, 1983). Enquanto acimentarmos nossas instituições de ensino, estaremos podando as experiências naturais que estas infâncias poderiam viver e aprender com ela. É na matéria (terra, água, areia, plantas) que a criança aprende. “Com a visão-sentimento de mundo que produz a realidade que produz: no caso, uma visão-sentimento de mundo, um modo de organização dos tempos e espaços distanciada da natureza” (Tiriba, 2005). A seguir apresento a metodologia elaborada por mim, onde firmo a escuta ativa das crianças, da comunidade quilombola, com uma constante reflexão crítica sobre minha práxis como educadora e pesquisadora.

3. O “COMO” NO CAMINHO DA PESQUISA (METODOLOGIA)



Imagem 2. Registro de uma criança residente do Quilombo do Camorim em uma atividade de encontrar a árvore da placa pirografada que seria fixada no local.

“O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” (BOFF, 2009)

Na obra *Saber Cuidar*, Leonardo Boff enaltece o cuidado enquanto condição humana e essência de sua existência, necessário à sua existência, assim como de fundamento maior que a própria razão e vontade. Desde seu nascimento até sua morte demanda de cuidados, consigo e com o próximo, já que existe em sociedade e em afetação mútua com tudo que o rodeia sendo um ser interdependente. Neste caminho do cuidado, busquei enquanto pesquisadora, educadora e parceira do Quilombo, atuar com responsabilidade e ocupante de atitudes éticas, sensíveis e afetuosas neste vínculo construído a cada dia, com lealdade e constância. Esta pesquisa se inicia a partir de uma relação de escuta e observação da respectiva comunidade tradicional, além de um laço de confiança entre a pesquisadora e esta. Este laço emerge um plano de ações com

cuidado com o território e o grupo social em questão, o que possibilita desenvolver uma pesquisa que contribua para o mesmo já que considera as demandas locais, assim como a história e cultura presentes no território do Quilombo do Camorim.

3.1 Princípios Metodológicos

Como características, esta pesquisa possui o perfil de pesquisa-narrativa, participante, intervenção, do campo da Educação Popular, sendo uma investigação com crianças na natureza. A metodologia elaborada segue as propostas de Fals Borda (1980) em constantes movimentos de reflexão e práxis, relacionando a micro e macropolítica envolvida nas relações, atenta às ecologias entre as pessoas envolvidas, o território e as demais vidas presentes no Quilombo do Camorim. Além destes princípios, busquei firmar um relacionamento ético desde os acordos até minha prática enquanto pesquisadora de uma pesquisa-ação a qual legitima todos os seres possuidores de direito. Somado a busca pela revalorização da ciência popular e a premissa de que todos os elementos presentes naturais no meio sofrem *afetação* e todos têm a *sua potência geradora de saber*; em uma postura de aprendiz, além de produtora de conhecimento, considere todos como possíveis *vias de conhecimento*.

Se caracterizando como uma pesquisa de investigação Ação-Participativa (IAP), como uma “pesquisa de ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo” especialmente às necessidades da comunidade em questão “levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir” (BORDA, 1988). Acredito no papel da ciência com participação popular, como nos traz este cientista social, e a valorização de saberes populares defendido por Paulo Freire. Unindo a educação para a liberdade à IAP, pondo em prática a educação popular por meio desta pesquisa. O conceito *Senti-pensante* une a razão à emoção, com respeito e apreciação à diferença. Permitindo aprender com nossas matrizes fundadoras, como argumentado na seção da justificativa.

“...entendemos que o reconhecimento do contexto concreto e a valorização dos saberes culturais se dão a partir de dois mecanismos: por um lado, por meio da pesquisa, que Fals Borda chamou de Investigação-ação participante (IAP) e Freire (1987) de pesquisa do universo temático; por outro somado ao

diálogo profundo, construtivo e permanente com as camadas populares, em todos os momentos do processo educativo” (COLARES, 2017, p. 9)

Este trabalho tem estes princípios e tem a sua metodologia, elaborada a partir dos mesmos, unida a minha trajetória de vida com a primeira infância, como educadora socioambiental e como ativista em movimentos sociais. Dá-se em grupos em ação (comunidade local quilombola, academia e coletivos de movimentos sociais) produzindo realidades, simultaneamente se transformando, no caso, a pesquisadora, a universidade UNIRIO e a associação ACUCA. O que busco investigar visa caminhos possíveis de transformação da realidade, com a intenção de fomentar alternativas de educação; na perspectiva das relações pessoais, ambientais e sociais. A própria realidade moldando a qualificação das interações, permitindo a reflexão sobre a prática e questionamento da mesma.

A pesquisa tem como característica uma metodologia do cotidiano, sendo uma *pesquisa narrativa* a qual visa utilizar esta qualidade estruturada da experiência entendida e vista como um relato, a partir de ações temporais descritas e refletidas, a fim de fomentar um apanhado de dados os quais serão analisados. Tais narrativas unidas à análise, visam à construção de um sentido formando um pensamento crítico-reflexivo da realidade. “A investigação narrativa é o contexto propício para potencializar a reflexividade do investigador e utilizá-la como metodologia qualitativa potente para interpretar os dados da investigação” (PORTA& AGUIRRE, 2019). Na *seção 4* apresento relatos a partir das experiências de campo em diálogo com os teóricos que trazem os conceitos que emergem a partir do que a comunidade quilombola expressou nestes encontros. Encaro que educar e pensar a vida são permanecer em movimento, e que como pesquisadora, busco compreender o que está em processo. A metodologia seguiu o trajeto de sua elaboração com a seguinte sequência: observação, escuta da comunidade, acompanhamento de ações propostas exclusivamente pela comunidade quilombola local, estudo em diálogo sobre o que existia na comunidade (valores, relações e existência da infância), proposição de ações com participação ativa da pesquisadora alinhada com comunidade e constantes avaliações dos processos criativos, fechamento com proposta com retorno pra comunidade quilombola local, com participação ativa das crianças.

O Sítio Arqueológico Engenho do Camorim, pertence ao quilombo e foi o local escolhido para realizar a minha pesquisa, pois este local se revela como terreiro da comunidade, onde ocorrem as atividades e eventos voltados para a educação, ambiente e cultura. O sítio foi direcionado para tais finalidades por escolha da comunidade e após receberem a respectiva certificação que legitimava a apropriação da área em 2014 mantiveram as ações na área. Deste modo, mantinham as suas residências no entorno do sítio a fim de manter a preservação da mata local e que pudessem promover estas ações fomentando o histórico-cultural do território. Reconhecendo neste o que a comunidade local quilombola se encontra conectada.

Os materiais de campo emergiram a partir da relação de confiança existente entre a pesquisadora e a comunidade local quilombola com os núcleos familiares e os membros da ACUQCA, em uma interação/observação da infância com a menor interferência/influência de suas reações e narrativas. Fundamentada no pensamento crítico, na escuta sensível comunitária, e a valorização de todas as vias de conhecimento indo desde as crianças, a comunidade quilombola, até a percepção da pesquisadora que se moldou ao longo da formação e trocas acadêmicas, assim como as experiências de vida a partir do corpo-território da educadora que antecipou a pesquisadora em crescimento. Fazer ciência em educação demanda como nos traz Paulo Freire acolher que estamos *inacabados* e em processo de transformações constantes. O ponto de partida desta metodologia foi a busca nesta pesquisa pelo fomento de práticas libertárias, democráticas e ecológicas, como sinalizada na introdução. O que envolve um comportamento empático e crítico da realidade, como pesquisadora, foi encarar os saberes das comunidades tradicionais como relevantes à nossa educação brasileira, além dos oriundos dos teóricos acadêmicos. Como ressaltado na afirmação de Mauro Guimarães na introdução, vivemos uma “*visão de mundo disjunta, fragmentando o olhar e a compreensão da realidade*” (GUIMARÃES, 2011). Enquanto a comunidade do Quilombo do Camorim, possui um modo de vida que manteve a preservação da mata, suas águas (dentro do possível com o crescimento populacional e ausência de políticas públicas) e sua biodiversidade.

A comunidade do Quilombo do Camorim possui 23 núcleos familiares como mencionado anteriormente, dentre estes envolverei três núcleos familiares. E quanto ao público infantil, serão crianças na faixa etária de 5 a 12 anos, adaptando a metodologia com as restrições do campo em contexto pandêmico. O presente estudo teve imersão durante o ano de 2020 com idas mensais, entretanto considerarei os dados oriundos de um total de 23 campos, contando o período de ações de 2019 a 2022; a fim de observar a comunidade quilombola local, sua cultura, o cotidiano, relação com a fauna e flora presente, e a interação deste grupo social com a terra e os corpos d'água, seus valores e relações com a infância, assim como a mesma se expressa.

3.2 Etapas Metodológicas

Reconheci que quanto mais acolho a realidade e cultura local, mais me aproximo de seu cotidiano unindo minha trajetória até o dia de hoje com a escuta das crianças e nas realizações em coletivos dos movimentos sociais que participei, entrelaçando esses saberes o campo teve em sua prioridade no 'como' com verdade. Em ter a práxis alinhada com o que sou, e desta forma, o diálogo aconteceu banhado por confiança, horizontalidade, intimidade e verdade, acolhendo mundos distintos, sabendo que minha imagem e o que carrego inevitavelmente estaria recheada de julgamentos, entretanto, a metodologia permitia inclusive a desconstrução de estereótipos e preconceitos de ambas as partes. Mais do que quantidade de encontros, enalteço a qualidade investigativa com maior imersão. Fica evidente que com a frequência que a confiança foi moldada e alimentada, além das subjetividades aparecerem, por este fato que planejei a realização de 10 encontros, em contato com a comunidade de adultos e crianças, reconhecendo o vínculo já existente entre mim e comunidade durante três anos. Cada contato afinava mais meu olhar com ainda mais respeito pela cultural local, fomentava mais empatia e tinha clareza do que era identidade local e o que era exceção nos comportamentos e escolhas presentes na comunidade quilombola em questão. Maior tempo de contato, melhor conhecia as pessoas e o lugar, com suas contradições, inquietudes e aproximava a leitura da realidade.

A seguir as etapas metodológicas e seus respectivos intuitos e ações que permearam os 23 campos realizados:

Etapa I

Reconhecimento da comunidade (por observação e escuta sensível: perfil, composição, história local, ações/frentes, valores, relações entre si (etária, funções, ritos) e criação de vínculo/confiança entre a pesquisadora e a comunidade. (Material do período de 2019.1 a 2020.1)

Etapa II

Participação das ações propostas pela comunidade (externas/escolas) com registro fotográfico/relatórios mensais + elaboração de oficinas para benefício da comunidade/ação-intervenção (oficinas internas/moradores, convidados formativos e voluntários-aprendizes). (Material do período de 2019.1 a 2020.1)

Etapa III

Análise crítica dos relatórios das ações envolvendo o Quilombo do Camorim no Projeto Quilombos PEPB (INEA, execução IMM, protagonismo dos Quilombos) e dos roteiros internos elaborados pela ACUCA (Associação Cultural do Quilombo do Camorim), reconhecendo o que legitimavam ecoar para a sociedade, como se dava a educação popular, como se dava a participação das crianças escolas públicas/ institutos federais/universidades estaduais e federais (10 grupos foram recebidos no local dentro do projeto e 43 fora o mesmo). (Material do período 2020.1)

Etapa IV

Elaboração e execução das Entrevistas (adultos) dos núcleos familiares mais ativos, pertencentes à ACUCA; reconhecimento dos conceitos presentes, valores e relações com a infância e acompanhamento da comunidade em seu cotidiano envolvendo natureza/cultura/infância/educação. Esta etapa foi executada no formato remoto, 2020.2 a 2021.1, devido às restrições da pandemia.

Etapa V

Planejamento metodológico e execução dos Encontros de Educação Socioambiental com a ACUCA (com participação intervenção) com crianças residentes do Quilombo do Camorim de 5 a 12 anos, sendo no total 14 crianças; organização do acervo de dados (fotográfico, caderno de campo, gravações das entrevistas das crianças); transcrições entrevistas (adultos e crianças) + avaliação da metodologia executada (entre encontros). Esta etapa também ocorreu no período de 2020.2 a 2022.1, entretanto no formato presencial.* na pandemia os encontros foram realizados com o uso de máscara, seguindo as normas sanitárias (local aberto e quantidade reduzida de pessoas). Após um período de isolamento dos mesmos.

Etapa VI

Descrição das metodologias executadas; relatos de campo; análise dos campos; relação com a teoria. Campos realizados de 2022.1 a 2022.2.

Acrescento quais materiais de campo foram utilizados na presente pesquisa, a fim de complementar o percurso metodológico e facilitar a visualização das ações empenhadas coerentes com os objetivos deste projeto. A seguir, os materiais especificados que serão analisados no *Capítulo 4(Achados da Pesquisa: dados e análise)*: o registro fotográfico das crianças residentes do Quilombo do Camorim feito pelos seus responsáveis nos momentos de brincadeiras e experiências com o mundo natural; depoimentos por áudios a respeito da concepção de natureza relatada pelos adultos do Quilombo do Camorim, sendo selecionado como entrevistados os representantes de toda a geração ainda vivente do núcleo familiar mais antigo e dos núcleos familiares das respectivas crianças, tendo a representação de cada geração do mesmo; material fotográfico feito pelas crianças residentes na faixa etária de 5 a 12 anos e pertencentes dos núcleos familiares do Quilombo do Camorim sem mediação dos adultos, somente pelas crianças maiores, através de um pedido elaborado pela pesquisadora (por meio de áudio direcionado às crianças e pedido escrito aos seus responsáveis), com direcionamentos para as fotos pautado no cotidiano das mesmas e suas interações com o mundo natural; roteiros, caderno de campo e registro fotográfico de 3 campos de Educação Socioambiental elaborados e executados pela pesquisadora

em parceria com a ACUCA (5/06/2021, 21/12/2021 e 2/07/2022); entrevistas com cada criança nos respectivos campos (formatos de áudio e audiovisual). Ressalva a respeito do formato de áudio na coleta das explicações das crianças: foi pensado para as crianças que não se sentissem a vontade de realizar a entrevista por vídeo e não influenciar nas respostas com receio de julgamento ou aparência em registro audiovisual. Por meio deste material de campo a presente pesquisa será composta pela análise das transcrições dos áudios, ressaltando os conceitos e valores presentes, assim como dos registros fotográficos da e pela infância local citados anteriormente. Além destes, a realização de um diálogo entre o material de campo e a produção acadêmica a respeito dos conceitos: *infâncias quilombolas brasileiras, território, relação infância-natureza, ancestralidade e corporeidade*.

4. CRIANÇA-NATUREZA NA INTIMIDADE ANCESTRAL COM O TERRITÓRIO (ACHADOS DA PESQUISA)

Nesta seção escreverei a respeito do cotidiano da comunidade relacionado às suas infâncias, e os encontros de Educação Ambiental propostos por mim em parceria com a ACUCA com seus processos de planejamento metodológico, roteiro, entrevistas, descrição dos campos e análise relacionando prática-realidade com a teoria.

4.1.– Primeiro campo de dados



Imagem 3. Momento de mobilização do campo do dia 05.06.2020

Local: Quilombo do Camorim (Sítio Arqueológico Engenho do Camorim e arredores)

Data: 5 de Agosto de 2021

Público: planejado - crianças de 5 a 12 anos residentes do Quilombo do Camorim; presente – crianças e adolescentes de 6 a 15 anos.

Acompanhantes: Rosilane Almeida, Adilson Almeida, Thaís, Lúcia Garcia (todos membros da ACUCA), Renato e Felipe Miranda (voluntários).

Crianças presentes: Natanael Paulino Santos (6a); Bento dos Santos (5a); Ruan (8a); Isabela (9a); Carolina (10a); Jullya (10a); Thales (11a); Jhuan (11a); Arthur Dias (11a).

Adolescentes presentes: Joyce Azevedo (13a); Raisa (13a); Karyna Rodrigues (13a); Joaquim Miguel dos Santos (14a); Fernanda (15a); Adryan Dominic (15a) e Guilherme Almeida (14a).

Materiais: gravador de voz, câmera fotográfica, rolo de fio de sisal, corda, pet, tesouras, gravetos, muda de Pau-Brasil.

Objetivos do encontro:

- Reconhecer o conceito de meio ambiente e natureza segundo as crianças residentes do Quilombo;
- Aproximar de práticas sustentáveis cotidianas das crianças residentes;
- Perceber como as crianças quilombolas reagem às propostas de dinâmicas corporais;
- Trocar saberes brincantes entre o repertório da pesquisadora e os quilombolas.

Roteiro

- 1) Mobilização: Em roda, a liderança quilombola inicia com a pergunta dirigida aos jovens e crianças “O que é ambiente?”

- 2) Dinâmica “Teia da Vida”: cada criança e jovem elegem um elemento natural para representar, em seguida a dinâmica ocorre com a pessoa fala a sua relação com o elemento do outro, com o uso de um rolo de fio de malha.

- 3) Transformação da matéria: observação da matéria em suas diferentes fases de decomposição por meio da composteira presente no Sítio Arqueológico e como se origina a terra preta e adubo.

- 4) Lixo: Com a idéia de que o que consideramos fora (no senso comum) é dentro da Terra, realizar a reflexão desta afirmativa. Em seguida, a construção de um brinquedo com o uso de garrafa pet (“Vai e vem”).

- 5) Plantio e pertencimento: realizar o plantio de uma muda de Pau-Brasil na área de plantio direcionado às escolas públicas da região e às crianças residentes, assim como a horta comunitária.

Análise do Campo

Com presença, cuidamos. E não existe fora quando somos unidade. Estas foram as premissas que permearam o primeiro campo realizado com as crianças após um longo período pandêmico onde o corpo se fez docilizado, com medo, perdas com lutos na comunidade quilombola, ausência do funcionamento das escolas e lutas constantes de sobrevivência dos núcleos familiares. Crianças em sua fase de desenvolvimento com maior demanda por regulação a partir do corpo tiveram que atravessar tais desafios com restrição ao acesso a este território que os regulava por meio do brincar ao ar livre e o contato com a natureza. Após o ano de 2020, com a pandemia ainda se alastrando pelo Brasil e mundo a fora, acordamos com os envolvidos (ACUCA e UNIRIO) com a guiança das orientações sanitárias do Ministério da Saúde, de que iríamos realizar o encontro com os devidos cuidados com a saúde dos integrantes no evento. De máscara e com a higiene dos itens e das mãos, as crianças e jovens se encontraram e realizaram as atividades com um grande alívio a partir de uma oportunidade de socialização, interação

brincante e o contato com a natureza do território que sempre fez parte do cotidiano deles.

O roteiro foi elaborado por mim em parceria com a ACUCA, Associação que realiza as atividades educacionais na área. A partir da formação de uma relação de confiança e aproximação com a comunidade, após já ter realizado muitas atividades durante o ano de 2019 e 2020 (de forma remota), neste campo intervi com maior interação nas atividades. Tendo clara a intenção do encontro e do projeto, assim como o contexto de vulnerabilidade emocional, mental e física de todos diante o momento pandêmico vivido. Neste encontro tive o cuidado de estar ainda mais atenta às reações do grupo e em consenso com os quilombolas educadores locais. Com a intuito de se firmar e manter uma cultura ambiental, as crianças foram instigadas pelo Adilson Almeida (liderança quilombola local) a refletirem sobre *o que é Meio Ambiente* para cada um, posicionadas em roda, de pé, no campo aberto do Sítio Arqueológico rodeado pela mata local. Percebi que estavam receosos da aprovação dos adultos, revelando mesmo ali, a presença de uma hierarquia etária. Acredito que seja fruto do nosso sistema de ensino que perpetua ainda essa relação, e os presentes frequentes escolas municipais e estaduais que em sua maioria se dão por meio do ensino hegemônico onde a hierarquia se faz presente em boa parte da metodologia de ensino empregada. Suposição que neste presente trabalho não cheguei a alcançar tais dados. A mediação de Adilson se deu respeitosa e com acordos de convivência, respeitado por todos, evidenciei ali uma escuta ativa de todos. Anotei em meu caderno de campo as falas, sendo estas: “Meio Ambiente é o lugar onde vivemos”; “é tudo que está ao nosso redor”; “é a natureza”; “animais fazem parte do meio ambiente”; “a gente faz parte do meio ambiente, porque se da gente for matar planta você vai estar matando a própria natureza”; “a gente rega, a gente cuida, se a gente pode cuidar, a gente pode fazer parte”. Complementando, o voluntário Felipe Miranda indaga e eles respondem em um diálogo de pergunta e resposta sem muito tempo para pensar:

- “De onde vem o que a gente come?” (voluntário Felipe)

- “Da natureza” (todos)

- “E pra onde vai as coisas que a gente joga fora, o nosso lixo, o nosso coco e nosso xixi?” – voluntário ACUCA

- “Pro esgoto” (adolescente)

- “ E para onde vai nosso esgoto?” (voluntário Felipe)

- “Pro mar” (criança)

- “E o mar é da natureza?” (voluntário Felipe)

- “O mar ele... participa!” (criança)

- Então, o que vocês acham? A gente faz parte da natureza?” (voluntário Felipe)

- “Sim” (criança)

- “Não” (criança)

(risos)

- “Por que não?” (Adilson)

- “Eu não disse não!” (criança)

- “Não é que um esteja certo e o outro errado” (voluntário Renato)

- “Gente, a gente está aqui trocando.”(Pesquisadora)

- “ Aqui é um aprendendo com o outro” (Thaís ACUCA)

- “Quem falou não? Por que não?” (Adilson ACUCA)

- “Não sei” (criança)

- “Humilde” (criança)

- “Acho que é importante... Será que o ser humano tem uma relação muito esquisita com o meio ambiente, a natureza, as vezes? De não cuidar, de maltratar a natureza?” (Renato)

- “Muito!” (criança)

- “Porque a gente depende da natureza” (adolescente)

- “Eu faço parte dessa natureza. Entendeu. A natureza humana, o ambiente, a fauna e flora. Eu faço parte disso tudo. Por que? Eu tô aqui cuidando de toda ela. Eu.. não... todos nós estamos reflorestando de uma área que foi degradada. Eu não tacho fogo em lixo. Eu recolho meus lixos tanto o que tá na rua, quanto o da minha casa, eu separo. Então eu faço parte dessa conexão do ambiente como um todo” (Adilson)

Identifiquei como “criança” por consideração às crianças que se sentiram constrangidas ao responderem. O diálogo se deu de maneira espontânea, ocorrendo como tempo dinâmico, com o grupo respondendo com o que veio primeiro à tona. Respondendo sem envolver somente o pensamento lógico, as vezes podendo ser movido por memórias de cada um ou emoção. Analisando-o, se pudesse refazê-lo, indagaria as pessoas que responderam tanto “não” quanto “sim”, para ouvir o argumento de ambas as partes e promover uma formação mais holística, além de não gerar constrangimento por parte dos que responderam que não fazemos parte da natureza. E na fala de Adilson justificando o motivo de ser natureza, utilizou de exemplo onde essa relação é positiva e que fomenta a preservação da mesma. Evidenciando o *pertencimento a partir do vínculo de cuidado* e o senso comunitário. “*O cuidado exige um tempo que não é o do mercado, dos negócios, onde o objetivo é a acumulação e impera a lógica da competência, da competitividade. O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isto significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas receptivo, atento e sensível para poder perceber o que o outro pode precisar. Para cuidar é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega.*” (Tiriba, 2005, p. 84). Entretanto, continuamos sendo pertencentes, mesmo em uma relação prejudicial à mesma. Mas me fez refletir a respeito e reconhecendo a origem de tal comportamento predatório, está exatamente, como a pesquisadora Léa Tiriba nos traz, na promoção do divórcio entre a natureza e o ser humano em nossas práxis formativas.

Antes deste diálogo, as crianças haviam mencionado que *natureza* como sendo: “berçário de vida” (Natanael, 6a); “as árvores” (Isabela, 9a); “as plantas” (Ruan, 8a); “a paisagem” (Thalles, 11a). A cada fala, as crianças antes de responder olhavam em seu

entorno. A atividade foi realizada como mencionei no campo aberto, tendo a visão dos presentes para a mata da borda do Parque e outros para a horta comunitária. Com estas falas, criamos a relação com a próxima atividade da dinâmica de interdependência “Teia da Vida”, onde cada pessoa elegia um elemento natural para ser e dizia a sua relação com o elemento da pessoa escolhida por cada um. Muitos elegeram o elemento água, predominante ali, além da terra, com a presença do Rio do Camorim e muitas cachoeiras, além de se um local onde chove com maior frequência na Zona Oeste. Fato este devido a presença da mata e dos morros no entorno do Quilombo. O vento ficou em segundo lugar como escolhido. Não estava ventando no momento, porém estávamos no local mais aberto do território. Em seguida, jovens e crianças escolheram ser ave e cavalo, animais presentes no cotidiano local. Maioria escolheu, dentre os animais, ser pássaro e gavião. E sem mencionar nome, elegeram também ser árvore, estes simulavam com o corpo como se fossem maior do que eram. No momento de relataram a sua relação com o elemento do outro, demoraram a responder quando relacionava elemento abiótico do vento, entretanto, com a água, todos mencionavam rapidamente a sua relação. Fato curiosa, porém esperado se formos analisar a composição e brincadeiras predominantes locais que se dão com a presença da água do rio do Camorim, assim como com a presença da chuva.

Rosilane lembrou uma música cantada quando criança em uma dinâmica de lixo da turma dela “Dó das matas que não tem, Ré do reino vegetal, Mico Leão dourado, Fá que falta que nos faz, Sol ilumina os animais, Lá lagoas e manguezais, Si do silêncio que nos traz e no final voltei ao Dó das matas que não tem”. E Adilson acrescenta a conexão entre os elementos. A partir do corpo e da brincadeira, Rosi lembrou da arte com o canto que vivenciou em sua infância. Neste momento, fica claro o quanto a nossa memória afetiva vem pelo corpo e com elementos que ficam marcados em nossa infância. Ao final, Adilson traz a visão de que quem cuidará deste espaço serão eles. Com a consciência de que quem é do território é guardião local, que é responsável por cuidar e preservar a vida ali presente, reforçando em seguida, que podem ter pessoas que irão chegar sem serem parte do território, sem o afeto que quem mora possui.

Para o momento da compostagem, realizamos uma trilha até o local da composteira, pela trilha da Senhora Jabuticabeira. Nome este dado pelos próprios e firmado por Adilson. Antes de direcionar à composteira, Adilson relata que realizava a composteira aberta, porém com a visita do Tatu, mudou o formato. Relatar um fato fez as crianças ficarem mais ainda envolvidas. Trouxe a questão da alimentação saudável que “não temos como fugir do mercado, mas podemos ter escolhas conscientes do que colocamos pra dentro do nosso corpo”. Por meio da oralidade, a todo momento, narrou seu cotidiano e práticas sustentáveis que faz em casa no que diz respeito ao lixo. De olhos atentos, observaram o Adilson mostrar cavando a terra presente na composteira, mostrando o adubo formado debaixo das folhas secas. Tocaram a terra e sentiram seu cheiro. A todo o momento a liderança quilombola os convidava para envolverem seus sentidos na investigação. Acrescentei com a indagação do que deu origem a essa terra bem preta e “forte” (como um deles mencionou). Todos sabiam relatar todos os “ingredientes” postos ali para dar origem a esse adubo, sendo estes restos de frutas, cascas de legumes, ovo e ossos. E mesmo fazendo parte do cotidiano, muitos as vezes esqueciam de alimentar a própria, e ao entrarem em contato novamente, falaram entre si que deviam voltar mais ali, tendo na mão a terra que não queriam deixar de sentir no toque e cheiro. Os menores nesse momento estavam a busca por animais de solo, curiosos e atentos ao movimento vindo da terra observada. Como nos traz Espinosa quanto ao legitimar os desejos das crianças no processo educativo trazido por Léa em sua tese:

“Na perspectiva de uma escola cujos objetivos estejam pautados numa ética da alegria que potencialize a existência, a atenção aos desejos das crianças é uma premissa” (Tiriba, 2005, 165), pois o desejo é ‘o apetite de que se tem consciência’: ‘O apetite não é senão a própria essência do homem, da natureza da qual se segue necessariamente o que serve para a sua conservação; e o homem é, assim, determinado a fazer essas coisas’ (Espinosa, 1983, p.182). Sendo assim, a atração que as crianças têm pela vida ao ar livre, pelo contato com a natureza está relacionada ao poder de afecção que o mundo natural exerce sobre elas.” (Tiriba, 2005, p.165).

Após esta atividade, Adilson guiou o grupo até a árvore mais antiga local: A Jabuticabeira. Conhecida por todos, porém neste momento ele relatou o manejo das trilhas feito em dezembro de 2020, tirando o mato alto que insiste em crescer no local, reforçando que se cuidar, dá pra plantar. E o quanto observa o antes, o durante e o

depois do manejo. Estimulou neste momento o plantio em casa, mesmo em uma área menor de terra ou até em cima de cimento, e que com manejo, todas as terras podem ser produtivas. Caminhando pela Horta Comunitária Agroecológica e pergunto a eles, “por que tem muitas plantas misturas ali?”, e Adilson cita que tem predadores que chamamos de pragas grilos e formigas e quando a gente vê várias plantas, inclusive as tem plantas de cheiro que acabam sendo “repelentes naturais”. E reforça que pra ele não são pragas, são seres importantes pra natureza, mostrando quais espécies vegetais estão presentes, tendo na sua composição principalmente hortaliças e medicinais aromáticas. A horta é alimentada por meio de doações de mudas e sementes, ocorre a mobilização de mutirões para a sua manutenção por meio da ACUCA, assim como a realização de atividades socioambientais com as escolas. A horta se encontra em processo de crescimento e reforma. Ocupa a área mais próximo do condomínio e margeia a futura área de tratamento das águas cinzas. Desta horta, se fez um catálogo das espécies presentes com as crianças residentes, porém em uma atividade extra pertencente à frente de educação socioambiental da ACUCA.

O plantio de Pau-Brasil se deu com a abertura do buraco feito pelos jovens e Adilson, e cobertura vegetal seca, tendo parte do grupo envolvido, pois não seria possível o plantio de uma muda por muitas mãos. Porém dividimos o grupo em funções para que todos se envolvessem de alguma forma no processo. Ali se fez um momento de agradecimento, mediado pela liderança, onde agradeciam a Terra pela abundância e alimento dado. Todos queriam de alguma forma tocar na muda e uma delas falou: “o que é simbólico fica marcado na gente”. Ali percebi que mais que um plantio, era um ritual. E o quanto o plantio era sagrado para a comunidade, para além desta fala, pelo comportamento do grupo jovem ali presente, com tamanha atenção e silêncio.

Para finalizar esse dia cheios de atividades, ocorreu a construção de um brinquedo popular, o “Vai e Vem”. Brinquedo este criado com pets cortadas e encaixadas, atravessadas por corda, onde a brincadeira se dá em dupla, onde cada um abre os braços e move a garrafa de um lado ao outro, puxando a corda com as mãos. E por esse movimento de ir e vir, o brinquedo ganha esse nome popular de “Vai e Vem”. Antes de iniciar a construção, mostrei a garrafa e perguntei onde encontram esse

material ali. Responderam que no lixo. O Sítio, antes de ser usado pelos quilombolas com atividades educacionais, ambientais e culturais com certificação, o condomínio despejava muitos lixos. Fora este fato, em frente ao sítio a questão do conflito com o descarte do lixo é constante, pois a todo momento tem parte da vizinhança que descarta o mesmo fora das caçambas, gerando um ambiente mais insalubre e prejudicial para que brinca na rua. As crianças relataram essa questão do lixo. E perguntei se o lixo era fora ou dentro, sem dizer onde. E trouxeram essa questão do descarte. Porém quando trouxe se consideramos o planeta como casa, todos disseram que seria dentro. Adilson continuou com a construção e a troca sobre o tempo da decomposição se fez, com a perspectiva de se realizar atividades contínuas a respeito do lixo com os educadores socioambientais voluntários da ACUCA. O grupo confeccionou com muita vontade, e assim que concluíram, foram brincar no terreiro. E além do “Vai e Vem”, Natanael e outros brincavam subindo em árvores, girando cordas e elaborando histórias com pedrinhas no local ao som de tambores que já aqueciam o som da cultura local. Percebi que quando ocorre uma atividade em uma relação informal, ao ar livre e com corpo livre, as crianças soltavam mais o corpo e elaboram novas brincadeiras com espontaneidade e criatividade. A corda, Natanael girava de acordo com a sua vontade, fazendo desenhos no ar, longe de todos, se máscara, o sorriso se fez presente.

Continuei no local para realizar uma avaliação rápida do encontro com o Adilson e a Rosilane. E após me dirigi ao rio do Camorim e me deparo com a cena do pai de Natanael, com o irmão mais novo dele, brincando de fazer quicar pedra na água do rio. Peço autorização e tiro a foto da brincadeira. Ali a família que já convivia estava se máscara e isoladas do grupo. O pai relatou que sempre fazem isso e que faz questão de brincar com os filhos, ainda mais dentro na mata e das águas que ele cresceu brincando. Por meio do *brincar* que percebe o mundo em uma interação íntima com a matéria. E quando atravessa criança então, tem infinitas possibilidades de criação, a partir de um corpo menos docilizado e com os sentidos menos condicionados. Percebi neste encontro que com os momentos de ócio e liberdade a criatividade foi mais expressa. E esse resgate de tempo e espaço pro brincar, num período pandêmico, fez brotar emoções tanto nas crianças quanto nos adultos. Assim como o encantamento pelo território e as janelas de interação. Território este que é carregado de conflitos, mas também uma

identidade cultural pulsante e vital, e o compromisso com a integridade e regeneração ambiental se revela comunitário e planetário.

No documentário Tarja Branca (2014) traz: “os remédios tarja preta parecem ser a cura imediata para ansiedade, insegurança, medo e depressão. Mas o que aconteceria se colocássemos uma dose de tarja branca no nosso dia a dia? Por meio de reflexões de adultos de gerações, origens e profissões diferentes, TARJA BRANCA, dirigido por Cacau Rhoden e produzido pela Maria Farinha Filmes, explora o conceito de "espírito lúdico", tão fundamental à natureza humana, e sobre como o ser humano contemporâneo se relaciona com ele”. Enaltecem o brincar enquanto um fazer que promove saúde. A liberdade e reinvenção do que vivemos é desestabilizar o ser e se reinventa. Mas nesse processo se cria, se conhece, conhece o mundo, se estrutura, regula o ser. O tempo natural não é respeitado nas escolas com o ensino hegemônico. As crianças seguem com uma grade como funcionamento de máquina, ocupando todo o seu tempo, sem tempo pra sentir, se perceber, sendo um massacre às vontades que vem de si, como nos traz a pesquisadora Léa Tiriba:

“As grades curriculares, as rotinas das instituições educacionais expressam claramente esta evidência: a de que a escola não tem pelo corpo o mesmo apreço que tem pela mente. Os espaços de educação das crianças de 0 a 6 anos não escapam a esta lógica. Em seu cotidiano, divorciam o ser humano da natureza, separam o corpo da mente, fragmentam o pensar e o sentir... Estas cisões estão presentes no ponto de partida das práticas pedagógicas, isto é, no que se constitui como objetivo da educação infantil, expresso através do binômio educar e cuidar.” (Tiriba, 2005, p. 53)

E nesse processo de soberania da mente, valorização do pensamento lógico acima do sensível, do sentir e das subjetividades, ocorre um processo docilizador do indivíduo. Poda-se a liberdade, a reinvenção do que vivemos e da nossa cultura popular, conseqüentemente. *“A hipótese é a de que o binômio educar e cuidar, em realidade, expressa e revela tal dicotomia. Assim, o objetivo é trazer elementos teóricos para a compreensão do que parece estar na base da polêmica: o divórcio entre corpo e mente, do qual decorre um outro, o divórcio entre razão e emoção, que, em última análise, revela a cisão básica da sociedade ocidental, entre cultura e natureza.”* (Tiriba, 2005, p.71) A cultura popular é identidade, o que somos, e considerando a brasileira, onde tem em sua origem ausência de telas e mais corpo e sua expressão, tem em suas brincadeiras

o respeito ao tempo natural do ser humano. Onde em unidade, sendo razão e emoção, pertencentes do mesmo ser, geram ações e reações do indivíduo de maneira integrada. Da mesma forma, sendo o ser humano pertencente à natureza, e este um modo de expressão da mesma, como nos traz Espinosa, cultura então seria um processo natural, já que esta é originada pelo mesmo. O divórcio entre ser humano e natureza gerou enfermidades como depressão, pânico, com esta forma de produção com escassez de tempo e espaço para si no seu cotidiano.

Criança-natureza e o elemento água

No sítio e beirando a comunidade quilombola, margeia o Rio Camorim, o corpo d'água de principal interação com a comunidade local e é onde estão em seu solo os marcos da história local. A partir do registro de fotos da ACUCA (Associação Cultural Quilombo do Camorim) e de meus registros de campo busquei imagens que mostrassem as crianças e jovens da comunidade do Quilombo do Camorim na sua relação com a água, em específico, o Rio Camorim. Esta seleção foi composta por cinco fotos do acervo e mais duas de oficinas de educação socioambiental, realizadas por mim, sendo respectivamente o Dia Mundial do Meio Ambiente (05/06/2020) e a da Simbologia e Representação da Natureza (21/12/2021). Na observação tive como proposta metodológica observar a primeiro momento o que estava de concreto na cena, descrevendo os elementos presentes e como estavam os corpos das crianças, assim como as relações aparentes. Em segundo momento, abordei as subjetividades e valores que emergiam a partir das imagens. A seguir as imagens que foram analisadas:



Foto 1. Crianças no Rio do Camorim (acervo da ACUCA)



Foto 2. Neto da liderança quilombola local no Rio do Camorim (Acervo da ACUCA)



Foto 3. Criança quilombola agachada no Rio do Camorim (acervo da ACUCA)



Foto 4. Grupo de crianças dentro do rio (acervo da ACUCA)



Foto 5. Neto mais velho da liderança quilombola local (acervo da ACUCA)



Foto 6. Núcleo familiar (pai e filhos) no Rio do Camorim trecho dentro do Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim (registro realizado pela pesquisadora no campo do dia 5.06.20).



Foto 7. Crianças no rio trecho dentro do Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim (registro realizado pela pesquisadora no campo do dia 21.12.21)

Foto 1. Descrição concreta: meninos brincando na superfície da água com o uso de galhos realizando movimentos no corpo d'água. Região rasa do Rio do Camorim e plana. Jovens de idades diferentes. Maiores brincando da mesma brincadeira que os menores. Análise das subjetividades: na brincadeira realizam movimento de corpo inteiro e empoderado, mostrando uma presença e o corpo como parte de si no processo de aprendizagem. Os maiores brincam junto com os menores na mesma brincadeira. O material utilizado na brincadeira é do próprio ambiente, origem natural e mostram ter apropriação da matéria, domínio. O desenho sobre as águas me trouxe a presença de um ambiente favorável à expressão criativa.

Foto 2. Descrição concreta: jovem deitado sobre uma haste de uma árvore, em cima do rio com braços abertos com o corpo em equilíbrio. Análise das subjetividades: seu corpo demonstra presença no momento e entregue ao contato com a matéria. Face relaxada trazendo a sensação de tranquilidade e paz. O equilíbrio do corpo revela intimidade da pessoa com o pau.

Foto 3. Descrição concreta: menino agachado observando o rio. Cenário de mata fechada com rio pedregoso. O corpo da criança está na posição de cócoras na parte mais

rasa do rio, observando algo não visto na foto. Água transparente com fundo do rio terroso do rio. Análise das subjetividades: a cena traz a idéia de unicidade, com o menino, a mata e o corpo d'água participantes de um só sistema. A criança pequena está em posição meditativa, raro nas crianças em ambiente urbano. O valor de pertencimento/parte do lugar é latente a partir dessa intimidade e respeito aparente da criança na interação com o universo natural. A criança está sozinha e aparentemente a vontade no local, aproxima a visão da criança enquanto sujeito, como uma pessoa.

Foto 4. Descrição concreta: meninos tomando banho de rio com seus corpos imersos e em ação. Corpo d'água com água barrenta. Análise das subjetividades: os jovens estão com a água tocando seus corpos por inteiro, tendo o rio como um ser e sujeito interativo. Estão em grupo, vivem em coletivo. Estão brincando a vontade, apesar de existir a ' tensão' natural para manter seus corpos flutuando com músculos ativos, revelando um corpo vivo.

Foto 5. Descrição concreta: jovem em cima de uma árvore com seu corpo fixado, tendo suas pernas dobradas e os braços apoiados. Análise das subjetividades: presença de corpo inteiro para que ocorra o equilíbrio trazendo o estado de presença. Um momento de contemplação e observação do corpo d'água e de intimidade com a matéria, assim como uma conseqüente intimidade com o território.

Foto 6. Descrição concreta: adultos e crianças com o corpo em movimento, brincando num corpo de um rio na região rasa e plana. A criança maior tem seu corpo com maior torção. O adulto com o corpo mais rígido que o das crianças. A cena mostra diferentes gerações brincando juntas. O mais novo observando os mais velhos. Análise das subjetividades: Estavam jogando pedras para quicarem na superfície da água, novamente usando recursos naturais (pedras e água). O envolvimento corporal da criança maior pode trazer a leitura de que está mais entregue à brincadeira ou que seu corpo estava mais livre para expressar. O corpo do adulto usou somente o necessário para executar o movimento. A brincadeira ocorrendo em diferentes gerações e na interação com a natureza legitimando o momento de brincadeira e o momento com as crianças, com uma possível influência na redução da hierarquia etária, maior horizontalidade.

Foto 7. Descrição concreta: crianças socializando na região rasa de um rio com pedras em volta. Duas em pé e outras duas deitadas no rio. Uma outra criança caminhando sobre a região rasa do rio, com pedras envolta, observando o fundo do rio. Análise das subjetividades: no campo este foi um momento de lazer que as crianças escolheram estar no rio. Com o calor extremo e autonomia presente nas relações entre adultos e crianças, nem perguntaram se podia se banhar no rio, simplesmente estavam realizando as atividades e quando se aproximaram do corpo d'água a vontade ganhou força e sobrepôs a atividade proposta. Nesta cena mostra outras formas de interação com o corpo d'água de socializar, sendo um espaço em que ocorre a interação social em um local natural com os corpos satisfeitos. Como recurso para seu bem estar e alfabetização social.

Reflexões emergentes

O que a criança aprende com um rio não está no papel. Ao acompanhar esta comunidade vejo o quanto a autonomia das crianças unida a intimidade com os corpos d'água proporcionam uma gama de experiências formativas no desenvolvimento dos jovens. As escolas emparedadas e acimentadas hegemônicas no sistema público de privado de ensino encaram os alunos como um número deixando de serem considerados pessoa. Este fato unido a existência de uma hierarquia etária que reprimi a satisfação de seus desejos e liberdade, restringe ainda mais as possibilidades de expressão e desenvolvimento destes seres os quais irão compor a nossa nova geração na Terra. Deixar de ser um ser em conexão na relação direta com a natureza pode provocar uma visão desintegrada da realidade por consequência. No caso da análise com os corpos d'água percebi a relevância do vínculo com um rio. E com o vínculo restrito ou sem este corpo do rio ocorre a perda da aprendizagem com o rio e conseqüentemente a integridade da criança. Para Krenak, o rio é um ser, um sujeito no processo interativo que ensina o humano. E nossas relações com as águas vem pelo desejo e pela brincadeira. O divórcio do ser humano com a natureza, como traz Léa Tiriba em sua tese, revela nosso desrespeito com os recursos naturais e o fruto dessa relação nos impactos ambientais. A paixão dos infantes humanos pelo contato com a água é inerente

à sua natureza. A consciência na escolha dos encontros da vida pode proporcionar a vivência de bons encontros, os quais permitem a expressão da potencialidade do indivíduo. Em alegria, os seres humanos se encontram em seu potente com maior potencial de ação e integridade do ser. No contexto atual de docilização dos corpos e crianças emparedadas, reflexo de um sistema que vigia e pune, como Foucault evidencia em sua obra *Vigiar e Punir*, esta escolha de criação e educação leva a perda da aprendizagem a partir da experiência no vínculo de intimidade com os corpos d'água. Sem conhecer, não se tem afeto, e muito menos se preserva. O conviver em comunidade com outros seres e recursos naturais em uma relação afetuosa e de respeito poderíamos ter a escola como um lugar de tempo natural e espaço de livre expressão dos corpos para a formação de pessoas biofílicas: uma nova geração do bem viver e do cuidado.

4.2.– Segundo campo de dados



Imagem 4. Momento de fixação dos símbolos (representação do Quilombo) com pirografia

Local: Quilombo do Camorim (Sítio Arqueológico Engenho do Camorim e arredores)

Data: 21 de dezembro de 2021

Público: planejado - crianças de 5 a 12 anos residentes do Quilombo do Camorim; presente – crianças e adolescentes de 6 a 15 anos.

Acompanhantes: Rosilane Almeida (representando a ACUCA, filha de Adilson Almeida, liderança do Quilombo); Maria Carolina Castro de Menezes Ribeiro (pirógrafa); Antônio Jorge Chastinet Costa (Marceneiro)

Crianças presentes: Natanael Paulino Santos (6a); Saulo Rodrigues (6a); Bento dos Santos (6a); Arthur Dias (12a); Kauan de Jesus (12a); Emely Jesus (12a, não residente).

Adolescentes presentes: Joyce Azevedo (13a); Kariny Rodrigues (13a); Joaquim Miguel dos Santos (14a); Adryan Dominic (15a) e Guilherme Almeida (15a).

Materiais: gravador de voz, aparelho celular, câmera fotográfica, papel pardo, canetinhas pretas, caderno de campo e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo criança e adulto).

Objetivos do encontro:

- Perceber o conceito de quilombo e natureza para as crianças;
- Incentivar o contato com a horta comunitária, assim como a autonomia e manutenção das práticas tradicionais que cultivam preservação ambiental.

Roteiro

- 1) Mobilização: realizar a dinâmica “Corpo vivo” com a intenção de soltar o pensamento lógico e legitimar o sentir a partir do corpo físico.
- 2) Conexão natural: observar a conexão existente entre as crianças residentes com o território local e encaminhar para um registro.
- 3) Atividade “Sentir antes de pensar”: solicitar que cada criança escolha um símbolo que represente o Quilombo do Camorim e em seguida, registre com um desenho.

4) Registro fotográfico: solicitar que realizem uma foto do que representa natureza para cada criança, a partir da seguinte provocação “Onde vêem vida naquele território”. Cada pessoa irá relatar sobre a sua respectiva foto.

5) Jogo corporal de interdependência: Cada criança escolheu um elemento natural para ser no jogo e precisava falar qual a sua interação com o elemento escolhido pela outra criança da roda.

6) Entrevista final do encontro. Solicitar resposta a respeito das seguintes perguntas:

I) Me falem qual foi o motivo de tirarem foto desta cena para representar a natureza

II) Vocês ainda brincam (adolescentes)? O que vocês mais gostam de brincar?

III) Onde você encontra natureza no Quilombo do Camorim? O que é natureza aqui para você?

IV) O que mais encantam vocês aqui no sítio?

7) Momento de finalização: ressaltar o fato de que eles (as crianças) são a nova geração da nossa população na Terra e convidá-los à marcarem na placa de madeira, com o método de pirografia, os símbolos anteriormente escolhidos.

Análise do Campo

Neste campo do dia 21 de dezembro de 2021 tive como objetivos investigar qual a concepção de natureza das crianças locais, onde está o bem estar dos jovens no Quilombo do Camorim e o que o quilombo representa para os mesmos a partir de simbologias, representações e relatos no contato com a natureza presente no local. Evidenciar o encantamento, realizar brincadeira com dinâmicas corporais e perceber as crianças por meio de suas expressões artísticas e o contato com o elemento do fogo.

Iniciamos o encontro com o resgate da minha pessoa ali nesta comunidade, o intuito da pesquisa e minha relação com o Quilombo do Camorim, pois neste dia tinham crianças que ainda não havia entrado em contato. E com a pandemia e recentes

ocorridos de problema de saúde, estava distante minha última ida ao local, apesar de manter o contato semanal com os adultos da ACUCA dos principais núcleos familiares da comunidade no que diz respeito a atuação com atividades que envolvam a infância. Em pouco tempo, as crianças se conectaram com a minha pessoa e os que já me conheciam estavam ansiosos para realizar as atividades do encontro. Neste momento reconheci o meu vínculo com os jovens e a curiosidade que os movia junto nessa relação. Estar com eles estava em um lugar de brincadeira e novidades. A metodologia continha um planejamento, entretanto, durante o encontro mantive o formato orgânico, com escuta sensível dos jovens com consciência crítica sobre o contexto da comunidade. Ao longo do relato abaixo descrevo a metodologia escolhido que teve constantes modificações a partir da reação das crianças e adolescentes. O campo e a pesquisa se retroalimentam. Uma metodologia elaborada de forma crítica, sensível e orgânica, como um ser que pulsa, ocorre afetação por todas as partes envolvidas.

Após esta introdução, realizamos o lanche, pois já estavam com fome. E por meio de um hábito comum da rotina da vida, me aproximei de sua vida íntima no quesito cotidiano. Levei bolo de banana e abacaxi e na escolha já percebi a relação com o alimento. Todos desejavam refrigerantes, entretanto, a fruta e o doce cresciam os olhos, inclusive dos menores. E lembraram-se do pé de abacaxi que plantei junto com a ACUCA na horta orgânica do Quilombo, mas mesmo tendo esse vínculo de afeto, a maioria preferiu banana. Ali sem gravar, ouvi como estavam e me aproximei do contexto de cada criança. No momento do encontro com os jovens/crianças estar com caderno anotando ou registrando com foto limite a expressão dos mesmos. O receio de julgamento é presente, até entre eles. Preferi anotar após. E ser cuidadosa no momento de tirar fotos. Por mais que saiba que quanto mais registro mais chance eu teria de relembrar mais dados. A prioridade eram os dados serem obtidos de forma ética e o material serem mais próximo da realidade.

Planejei o encontro para crianças locais na faixa etária de 5 a 12 anos, porém ao chegar ao local e evidenciar a presença de adolescentes, sabendo do contexto de férias e percebendo o desejo em participar dos demais mais velhos, julguei ser válido incluir os mesmos no encontro. E não desrespeitar a escolha da Rosilane Almeida em incluí-los,

quilombola a qual mantenho diálogo e decisões dos encontros, e quem desenvolve atividades frequentes com as crianças e adolescentes nos acampamentos realizados no sítio. Além de confiar em sua escolha, quis saber como reagiriam com os adolescentes que é algo natural na comunidade, grupos mistos em idade participando das atividades juntos. Confesso que ter outras idades me fez alterar um pouco à metodologia para que fosse mais inclusiva, e iria avaliar durante os processos criativos no momento presente como os mais velhos e mais reagiriam com a presença de ambos. Sabendo que poderia ocorrer receio de julgamentos dos mais novos em relação aos mais velhos, entretanto, sendo algo natural do cotidiano, talvez não ocorresse, ou melhor, me aproximaria mais da vida deste território. O fato dos adolescentes quererem participar me chamou atenção. Mesmo com os celulares na mão eles, estes ficaram com o objeto sem usar, sem que houvesse o pedido para o não uso durante o encontro.

Após o lanche, optei por continuar após essa introdução com uma dinâmica corporal, no intuito de soltarem a lógica e ativação seus corpos para entrarem em contato consigo e interagissem com os demais por meio da brincadeira. Expus que toda atividade proposta e durante todo o encontro participasse quem desejasse participar, ninguém seria obrigada a fazer nada que não tivesse a vontade. Realizei uma dinâmica corporal a qual formei uma roda com os jovens presentes, onde propus que cada um fosse o fogo com seu corpo, do seu jeito. E eu iria incluir na fala fatores que influenciariam na reação do fogo de cada um, Optei por escolher a chuva, o raio, o sol, folhas sendo jogadas e mais madeira no alimentar do fogo. Todos desejaram participar. Antes de iniciar perguntei a eles quando já entraram em contato com o fogo na vida. Mencionaram que em fogueira e tochas nos acampamentos mensais realizado por Rosi no local, outros cozinhando e outros trouxeram o Sol, como uma bola de fogo longe, mas que representa o fogo ali, aquece igual.

Me chamou atenção o desejo pela água. Com o calor, tiveram como reação natural de toda criança/adolescente/ pessoa que tem seu corpo vivo, a busca por se refrescarem na água estando acessível. Ao "liberar" da proposta todos, pelo menos três foram direto para o Rio. E antes do registro eles desfrutaram. Se banharam e depois eles trouxeram que estavam prontos para tirar a foto. E a maioria se incluiu nesse registro.

Desejo latente e satisfeito em primeiro plano, prioridade recheada de sentido. O fato deles registrarem depois estava claro e o outro deles terem se incluído na foto me veio a leitura de que estavam tão felizes que queriam sair na foto. Assim como a sua conexão com a água ter se potencializado com o mergulho. A água propiciando prazer gera vínculo íntimo.

Nos olhos da Rosilane o brilho de ver os meninos alegres se banhando. Mas o atentar para o que ocorreu na última tempestade. Que derrubou árvores e a construção feita pelo seu avô recém falecido e outros há muitos anos atrás. Ela sentiu, porém acredita que os acidentes acontecem e estava aliviada que a CEDAE iria ao local sanar a obra. Por mais que a construção antiga não fosse mais a mesma. Estávamos rodeadas de árvores caídas, construções quebradas, mas as árvores de pé e as crianças/adolescentes brincando reinava em presença.

Ocorreram falar durante a trilha realizada com o grupo, principalmente, em momentos em que não estavam sendo gravados. Mas durante todo o encontro me mantinha em estado de alerta, atenta e com intenção de manter minha sensibilidade acordada. Pois reconheço em minha trajetória que ao ter a sensibilidade latente em minha pessoa acessei subjetividades as quais a razão somente não dava conta de acessar, e nesse estado originaram conhecimentos outros. Os quais uso até hoje nas áreas de comunicação, percepção dos comportamentos, análises e reflexões sobre outros modos de vida. Além de facilitarem o acesso a estes outros mundos com suas próprias culturas e lentes.

Após o banho de rio, paramos em frente à Jabuticabeira. Continuando com a proposta das crianças elegerem um elemento natural do sítio arqueológico como representante do Quilombo. Joaquim a havia escolhido como representante da Natureza do local. Rosi trouxe que mesmo estando ali naquela trilha rodeado por terra e plantas, "todos os caminhos vão de encontro com as águas". As trilhas do sítio vão ao encontro do Rio do Camorim, o qual dá nome ao subbairro de Jacarepaguá. Tirou foto se incluindo e enaltecendo os galhos superiores mostrando a sua grandeza. Rosilane deu uma aula sobre a mesma, a sua idade aproximada, mais de 150 anos, que a presente trilha possuía seu nome e sua relação com a árvore anciã em questão. Ela trouxe as

informações científicas vindas da pesquisa junto com o Jardim botânico e somou o que é um ancião para a cultura local, como sendo o solo fértil da nova geração, quem obtinha mais sabedoria a partir de suas vivências e por isso merecia ter mais respeito. Trouxe a escala temporal que ela já existia antes de seu pai e de seu avô. Que com ela carregava muitas histórias do lugar e sua presença é fonte vital e de sabedoria. Mostrou seus troncos, como nascem novos ramos e ressaltou que apesar de sua idade ainda dá frutos. Os jovens estavam atentos a sua fala, porém foi no momento do ainda dar frutos e mostrar os ramos novos que os mesmos se identificaram, a meu ver. Ou será que se espantaram com o fato de ainda dar frutos apesar da idade. A maioria dali já tinha conhecia a Jaboticabeira e já presenciaram atividades no local com as escolas da Rede Pública de Ensino, mas talvez ali só pra eles, a atenção se tornou diferente. Todos tocaram em seguida, no seu galho e queriam tirar foto com a árvore. Parece que além do nome, quando se registra é que firma o valor pra nova geração, elo comum entre quilombolas e crianças afastadas dessa realidade próxima do contato com a mata.

No Sol tem vida? Foi a pergunta que moveu o registro das próximas crianças que elegeram fotografar o Sol como representante da natureza. Bento, 6a e Kauã 12 a, tiraram foto do Sol para representar a natureza presente ali no Sítio Arqueológico Engenho do Camorim. Kauã trouxe que escolheu o Sol. Mas logo após compartilhar comigo que havia escolhido, me perguntou se tinha vida no Sol. Retornei perguntando o que ele achava. Disse que não sabia, porque tem muitas formas de vida. Eu disse que o Sol pegava fogo e tinha muita energia. E ele falou que vida não, mas que ele ajuda a ter vida aqui na Terra. E saímos continuando a trilha olhando para o Sol nas folhas das árvores altas e o bem estar em ter o Sol na pele após um banho gelada na cachoeira. Naquele momento honrei esse prazer legítimo ao estar ali no sítio do Quilombo rodeada de Mata Atlântica na maior floresta urbana do mundo, ao som das águas do Rio Camorim com o Sol tocando a minha pele e consciente de seu poder que propicia a existência de tantos outros seres ao meu redor. Ali senti os conceitos de bem viver e coexistência. A maioria trouxe a água e o Sol nesta atividade, afirmando que nas suas concepções de natural inclui os elementos não vivos. Mas que afetam diretamente a vida, como estes mencionados. Quando perguntei o motivo da escolha ambos ficaram com receio de ter escolhido algo que não era natureza, mas somente no momento que

perguntei. E esclareci, após seus silêncios, que eu queria saber com a intenção de saber como eles verem e sentem o mundo. E que ali estávamos aprendendo juntos. Não precisavam ter receio. Mas responderam que não sabem por qual motivo escolheram, mas que ao olharem envolta o Sol chamou atenção, e em seguida o Bento falou: "mas o Sol é natureza né Kauã?" Senti que o menor apoiado no sentir do Sol na pele, se preencheu de certeza, e em frente a Jabuticabeira que a Rosi trouxe.

Esse fato me inquietou quanto a sua motivação e desdobro em algumas hipóteses: Kauã e Bento escolheram o Sol, pois se sentiam em mais contato com a natureza ao entrarem em contato com o mesmo? o encaravam como fonte vital para as demais vidas presentes ali? Não tive respostas. Mas estas perguntas me moveram e ainda ecoam no pós campo.

Pedi que desenhassem no papel pardo representando a terra local com um símbolo que representassem o que era aquele território pra eles, que representasse o Quilombo do Camorim e o que desejavam eternizar ali (anexo 3). Desenhariam no papel e depois marcariam em uma placa de madeira que seria uma instalação pro sítio, onde seus símbolos ficariam ali, suas marcas permaneceriam no local. Neste pedido tive a gana de aproximar território, relevância pra nova geração, junto à proximidade com as atividades em que estavam latentes do que representou a natureza para os mesmos. Em seguida, perguntei o que vinha na cabeça deles quando falassem o que era símbolo, trouxeram que é um desenho, outros disseram que tinha significados, completei trazendo que este desenho podia ser uma representação de algo, crenças, histórias. Durante esta escolha de símbolo e desenho, no papel surgiram: a Árvore da Vida, a Jabuticabeira, o símbolo da Sankofa, flores, chuva, Sol e símbolo da paz. A árvore com o rio me trouxe o conceito de encantamento, o que os faz sentir-se bem no território. A Jabuticabeira por ter importância local, como mencionei anteriormente, representando o valor dos anciões, inclusive de outra espécie. E os elementos abióticos como uma grande teia da vida, evidenciando a conexão entre os seres vivos e elementos naturais abióticos. Sem que houvesse teoria, mesmo que reconheça que estes jovens frequentam a escola tradicional pública, percebo em suas falas, como mencionei no momento do registro fotográfico pelos mesmos, a relação com os elementos abióticos inclusive em

suas sensações, o que a meu ver evidencia uma conexão maior com a natureza. Rosilane trouxe o significado do símbolo Sankofa na luta negra e por quais motivos este virou o símbolo que representa o Quilombo do Camorim em suas realizações. Sankofa “*pertence a um conjunto de ideogramas maior chamado Adinkra que possui centenas de outros símbolos, cada um com o seu pensamento*”. O significado usado pela Luciene Ernesto é de que “*nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás*” (ERNESTO, 2018). Após Rosi mostrou sua tatuagem trazendo que o símbolo ‘Sankofa’ tem muitas representações dependendo da cultura ou local, existem mais simples em ferragens, construção de casas e objetos, e no movimento negro um pássaro com o ovo representando o futuro, o pescoço para traz, valorizando o tempo passado/os ancestrais e uma ave que existe no presente, uma vida. Na sua tatuagem incluiu igual ao símbolo da ACUCA o desenho da ‘catraca’ que só move quando encaixada a outras, representando o valor de se realizar em coletivo, que ninguém vive sozinho e que na luta da vida o movimento quando em conjunto, em rede encaixado sua vida à outras vida conseguimos mover as coisas, fazer acontecer as ações.

Alguns tiveram receio do julgamento dos demais, se desenhavam bem, se ficaria bonito já que seria eternizado, uma autocobrança latente, porém o desejo por se expressar era maior. Alguns queriam consultar o símbolo na internet do celular para que representar igual, outros para poder escolher qual das representações do Sankofa eleger. Após o desenho, cada um falou sobre seus desenhos. Pretendo realizar um retorno gravando o que sentiram a partir do símbolo representado no papel e na placa, pois no momento ficaram mais excitados e dispersos dificultando a gravação. Anotei no caderno de campo as falas recordadas.

Após a pirografia foi realizada com a mediação da Ana Carolina, pirógrafa a qual busquei nas redes sociais para realizar esta atividade envolvendo desenhar com a partir do calor. Ela trouxe a origem deste fazer que era feito com carvão em brasa e ao longo do tempo as ferramentas foram se aprimorando. Todos se sentiram muito valorizadas em ter seu desenho no sítio em uma placa. Queriam manusear o pirógrafo imediatamente. Formei uma ordem conforme a segurança de cada jovem/criança. Protegi suas mãos com fita envolvendo os dedos e nesse momento aproximava de seus receios/medos. E resgatava o símbolo desenhado no papel, porém sendo em madeira

podiam simplificar. Junto Carolina trouxe como manusear para terem segurança. Todo o público quis participar, e no meio da placa colocamos o símbolo da Sankofa que até então não tinha sido visto por eles para realizassem o desenho no papel, sem influenciar nas suas escolhas. Este símbolo estava na placa feito pela artista, como um pedido da liderança local, Adilson Almeida para que firmasse os valores da ACUCA e comunidade local.

No final do encontro apareceu Adilson, liderança do Quilombo do Camorim e diretor da ACUCA, primeira fala foi sobre a tempestade e as construções destruídas. Os olhos encheram d'água ao relatar que foi construída a ponte caída pelo pai recém falecido na Pandemia. As mesas quebradas onde realizavam rituais do acampamento com as crianças e todas as refeições nas ações que ocorriam ao lado do rio geraram uma dor que só ele sabe. Mas junto com o acidente, trouxe que tinha um sonho. De ajeitar a casinha do lado do Rio e viver ali até morrer. As ações culturais, educacionais e ambientais foram prioridades nesse território do Sítio Arqueológico, zelando pela preservação e perpetuação do desfrute por muitos. Mas o desejo dormente de morar existia. E a cada plano os olhos cheios d'água trocavam pelo retorno de seu brilho. Apesar da luta, Adilson ainda sonha. Trouxe o quanto é pesada a luta. Do quanto se sente sozinho as vezes. Reconheci por todos os anos uma dificuldade de pedir ajuda quando demanda físico. Roçar o capim para manter a horta é sempre. correr atrás da burocracia pra ajeitar o muro derrubado pelo caminhão da Comlurb, pela segunda vez.

Análise da entrevista das crianças

O momento final era a entrevista com as crianças e adolescentes, optei por ser no final, pois acreditei ser melhor iniciar pelo corpo e sensações para que a razão/mente influenciasses menos em suas expressões. Entretanto, sendo no final nem todas as crianças participaram, pois alguns responsáveis tiveram imprevistos e precisaram buscá-los, outros desejaram retornar ao Rio do Camorim. Quanto a estes últimos, os mesmos me perguntaram se podiam sair do encontro, falei que sim. Realmente julguei ter alcançado o limite de conseguirem a continuidade nas atividades. No planejamento iríamos ter começado no horário acordado, mas com o calor e idade mista, acredito ter

reduzido o que seria prazeroso e as crianças conseguiriam permanecer. Neste momento, senti a teoria ganhando corpo e vida, em contato com a práxis e o retorno do momento, durante todo o encontro reconheço ter aplicado o conhecimento intuitivo descrito por Guattari. Realizei a gravação da voz com o aparelho de celular, após ter tido um primeiro momento sem gravar a voz, aproximar de como as crianças estão se sentindo, explicar sobre a pesquisa e esclarecer a finalidade da gravação. Li o Termo de Consentimento do Uso da Imagem e da Voz e indaguei se desejavam participar. Perguntei se preferiam vídeo ou áudio, todos optaram por gravar áudio. Segui este modelo e aparentemente todos se sentiram bem em terem seus desejos legitimados e neste contato de confiança, outras crianças que passavam no local, alguns residentes outras não ficaram curiosas ao ter um adulto abaixado as ouvindo no mesmo nível dos olhos, em roda, com todas as crianças dando suas opiniões e ainda sendo gravadas, mostrando a relevância de suas vozes. Ali a metodologia surtiu o efeito desejado no sentido de acolher a realidade local, escutar as crianças por meio de suas expressões em liberdade. Mesmo os adolescentes e crianças terem receio dos outros as ouvindo. Para uma próxima entrevista, acredito que possa fazer a gravação sem os outros presentes. Mas para isso teria que separar uma ida somente para entrevista e com a pandemia, para otimizar a ida e todos reunidos, realizei desta forma com todos presentes. Com o limite de concentração devido as outras atividades realizadas e calor em excesso, reduzi a entrevista para somente três perguntas considerando as mais essenciais. Me afastei dos demais adultos e fiquei a sós com as crianças na calçada da rua, mas aos olhos de Rosilane (quilombola), enquanto os demais marcaram seus símbolos na placa com pirografia. Infelizmente, precisei estar afastada da placa, pois a duração foi maior que o previsto na marcação da placa, mas já haviam desenhado os símbolos no papel pardo e havia perguntado a motivação dos mesmos. Mas irei realizar um último campo, para escutá-los sobre o que sentiram neste processo de deixar as suas marcas e o contato com essa fazer ancestral de marcar com o calor (fogo).

As perguntas foram embasadas no intuito da pesquisa, sendo estas: “Qual a brincadeira preferida? Onde veem natureza aqui no Quilombo do Camorim? O que mais encantam vocês aqui no sítio?”. Quando a motivações e premissas nas escolhas das perguntas: a primeira pergunta foi para realçar o que sentem e deixar latentes seus

desejos, para que a razão não se sobrepusesse ao corpo e o sentir das crianças e adolescentes. Para os adolescentes, perguntei se ainda brincam também, pelo que acompanhei ao longo do dia, acreditei que iria ser uma abertura no diálogo. A segunda, pois desejo compreender como se dá a relação dos mesmos com a natureza e o que acreditam ser natureza. Ao indagar onde encontram natureza, acreditava ter mais chance em aproximar das duas concepções e lentes. E por fim enalteci o encantamento ao planejar a pergunta “O que mais encantam vocês aqui no sítio”, me referindo ao Sítio Arqueológico Engenho do Camorim. Falei neste local, pois lá que realizam as atividades educacionais, encontros culturais e atividades direcionadas ao ambiente. E alguns não reconhecem o local que moram como um quilombo. Encantamento é o que a criança tem latente em si e que percebo nas formações com educadores como uma potência nos profissionais da educação que ainda tem em si a sensibilidade que permite ser afetado. O mundo é belo e tem em suas vidas muitos processos e encantos, entretanto, com a docilização dos corpos presente em nossa sociedade, trazida por Foucault em sua obra Vigiar e Punir, unindo ao legitimar do pensamento lógico como sendo superior ao sensível: a perda deste encantamento predomina e se torna inevitável, se não ocorre uma busca pessoal pelo mesmo ou o ambiente junto as relações permitem esse constante descamar da lógica e estímulos constantes a sensibilidade do indivíduo.

“eu me sinto bem quando vou dormir na mata do lado do Rio e fico olhando pra cima”
(Arthur, 12a)

“Tudo me encanta ali” (Kariny Rodrigues, 13a)

“Com o que você gravou que a gente falou acho que essa pesquisa vai mostrar o quanto a gente é importante. E mais gente vai saber que a gente existe” (Joyce Azevedo, 13a) – não foi gravado, fala foi após a entrevista

Optei por realizar a entrevista com as crianças e jovens no final do encontro, pois acreditei ser melhor iniciar pelo corpo e sensações para que a razão/mente influenciasse menos em suas expressões e falas. Entretanto, sendo no final nem todas as crianças participaram, pois alguns responsáveis tiveram imprevistos e precisaram buscá-los, outros desejaram retornar ao Rio do Camorim. Quanto a estes últimos, os mesmos me perguntaram se podiam sair do encontro, falei que sim. Realmente julguei ter

alcançado o limite de conseguirem a continuidade nas atividades. No planejamento iríamos ter começado no horário acordado, mas com o calor e idade mista, acredito ter reduzido o que seria prazeroso e as crianças conseguiriam permanecer. Neste momento, senti a teoria ganhando corpo e vida, em contato com a práxis e o retorno do momento, durante todo o encontro reconheço ter aplicado o conhecimento intuitivo descrito Espinosa. Realizei a gravação da voz com o aparelho de celular, após ter tido um primeiro momento sem gravar a voz, aproximar de como as crianças estão se sentindo, explicar sobre a pesquisa e esclarecer a finalidade da gravação. Li o Termo de Consentimento do Uso da Imagem e da Voz e indaguei se desejavam participar. Perguntei se preferiam vídeo ou áudio, todos optaram por gravar áudio. Segui este modelo e aparentemente todos se sentiram bem em terem seus desejos legitimados e neste contato de confiança, outras crianças que passavam no local, algumas residentes outras não ficaram curiosas ao ter um adulto abaixado as ouvindo no mesmo nível dos olhos, em roda, com todas as crianças dando suas opiniões e ainda sendo gravadas, mostrando a relevância de suas vozes. Ali a metodologia surtiu o efeito desejado no sentido de acolher a realidade local, escutar as crianças por meio de suas expressões em liberdade. Mesmo os adolescentes e crianças terem receio dos outros as ouvindo. Para uma próxima entrevista, acredito que possa fazer a gravação sem os outros presentes. Mas para isso teria que separar uma ida somente para entrevista e com a pandemia, para otimizar a ida e todos reunidos, realizei desta forma com todos presentes. Com o limite de concentração devido as outras atividades realizadas e calor em excesso, reduzi a entrevista para somente três perguntas considerando as mais essenciais. Afastei-me dos demais adultos e fiquei a sós com as crianças na calçada da rua, mas aos olhos de Rosilane (quilombola), enquanto os demais marcaram seus símbolos na placa com pirografia. Infelizmente, precisei estar afastada da placa, pois a duração foi maior que o previsto na marcação da placa, mas já haviam desenhado os símbolos no papel pardo e havia perguntado a motivação dos mesmos. Mas irei realizar um último campo, para escutá-los sobre o que sentiram neste processo de deixar as suas marcas e o contato com essa fazer ancestral de marcar com o calor (fogo).

As perguntas foram embasadas no intuito da pesquisa, sendo estas: *“Qual a brincadeira preferida? Onde veem natureza aqui no Quilombo do Camorim? O que*

mais encantam vocês aqui no sítio?”. Quando a motivações e premissas nas escolhas das perguntas: a primeira pergunta foi para realçar o que sentem e deixar latentes seus desejos, para que a razão não se sobrepusesse ao corpo e o sentir das crianças e adolescentes. Para os adolescentes, perguntei se ainda brincam também, pelo que acompanhei ao longo do dia, acreditei que iria ser uma abertura no diálogo. A segunda, pois desejo compreender como se dá a relação dos mesmos com a natureza e o que acreditam ser natureza. Ao indagar onde encontram natureza, acreditava ter mais chance em aproximar das duas concepções e lentes. E por fim enalteci o encantamento ao planejar a pergunta “O que mais encantam vocês aqui no sítio”, me referindo ao Sítio Arqueológico Engenho do Camorim. Falei neste local, pois lá que realizam as atividades educacionais, encontros culturais e atividades direcionadas ao ambiente. E alguns não reconhecem o local que moram como um quilombo. Encantamento (citação Rufino, encantamento) é o que a criança tem latente em si e que percebo nas formações com educadores como uma potência nos profissionais da educação que ainda tem em si a sensibilidade que permite ser afetado. O mundo é belo e tem em suas vidas muitos processos e encantos, entretanto, com a docilização dos corpos presente em nossa sociedade, trazida por Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, unindo ao legitimar do pensamento lógico como sendo superior ao sensível (Foucault, 1999): a perda deste encantamento predomina e se torna inevitável, se não ocorre uma busca pessoal pelo mesmo ou o ambiente junto as relações permitem esse constante descamar da lógica e estímulos constantes a sensibilidade do indivíduo.

I) *Você ainda brinca? (adolescentes)/ E quando você brinca aqui no Quilombo do Camorim você brinca de que?*

"Mais ou menos. Eu brinco as vezes. Brincadeiras... eu gosto de pular corda e pique esconde na floresta." (Adryan Almeida, 15 anos)

"As vezes sim po! A gente joga uno, la (sitio) a gente pula corda. Eu já não onsigo pular direito. Ah! A gente tambem joga ping pong. Ping pong que eu sou o rei.. (risos) " (Arthur Dias, 12 anos)

"Sim. Ue, brincar de correr" (Kariny Rodrigues, 13 anos)

"Minha brincadeira preferida? Aham... brincar de carrinho de controle remoto"

Bento dos Santos, 6 anos

II) Onde você encontra natureza no Quilombo do Camorim? O que é natureza aqui para você?

"As arvores, a água são natureza pra mim." (Joyce Azevedo, 13 anos)

"Os animais, as arvores, a água que corre no Rio" (Adryan Almeida, 15 anos)

"Ali na parte das plantações (na horta comunitária) e ali na cachoeira" (Arthur Dias, 12 anos)

"Tudo!" (Kariny Rodrigues, 13 anos)

"Eu vejo paz, eu vejo tudo aqui, amor." (Bento dos Santos, 6 anos) / T: *"E isso tudo de paz e amor 'e natureza, o que 'e q te da paz e amor aqui?"*(me referindo ao sitio)/ B: *" Tudo aqui."/ "Olhando ali e agora?"* (pesquisadora)/ B: *"Ali eu vejo paz."/ T: "E.. 'e a arvore, a água ? (falando o que via..."/ B: "'E' a água,.../ T: (relembrei o Sol que ele registrou para representar a natureza, na intenção de resgatar o que veio de um primeiro momento da emoção, exaltando o sentir, acima do receio de responder o que poderia ser a melhor resposta para um adulto./ B: " E o Sol... 'e tudo".*

III) O que mais encanta você aqui no sítio?

"Tudo me encanta aqui no Quilombo" (Joyce Azevedo, 13 anos)

"Não sei dizer o que mais me encanta" (Adryan Almeida, 15 anos)

"Quando ta a noite, bem tarde, e eu fico deitado ali na beirada da cachoeira. Ai aquele barulho ali de cachoeira, olhando pro ceu". "Em todos eu fui" (se referindo ao acampamento) (Arthur Dias, 12 anos)

"as arvore, as flor, a cachoeira...tudo!" (Kariny Rodrigues, 13 anos)

No momento de perguntar as crianças, trazia os sinônimos de bonito ou mágica, quando perguntavam sobre a palavra encantamento. Pensei que conhecessem esse termo. Na hora, não busquei o dicionário, fui pelo que remetia no meu sentir a significância desta palavra. *"Mágico aqui?...han... mais bonito daqui? As flores que tem daqui, as folhas, as 'arvores..."* (Bento dos Santos, 6 anos)./ Me instigou aproximar das imagens, dos elementos que trazia. E continuei: "Tem ali flor de cor, Bento?"/ B: "aqui tem flor, roxa, tem flor rosa, tem flor laranja tambem"/ T: "Muito obrigada. Muito bom saber o que voce acha aqui "

Abaixo estão as falas das crianças e adolescentes que não foram gravadas, pois foram faladas fora do momento da entrevista, durante a trilha realizada. Estas foram registradas no caderno de campo:

"eu me sinto bem quando vou dormir na mata do lado do Rio e fico olhando pra cima"
(Arthur, 12a)

"Tudo me encanta ali" (Kariny Rodrigues,13a)

"Com o que você gravou que a gente falou acho que essa pesquisa vai mostrar o quanto a gente é importante. E mais gente vai saber que a gente existe" (Joyce Azevedo, 13a) – não foi gravado, pois a fala foi após a entrevista ter finalizado a gravação.

4.3. - Terceiro Campo de dados



Imagem 5. Momento de finalização do campo com a jongueira Thaís da ACUCA

Local: Quilombo do Camorim (Sítio Arqueológico Engenho do Camorim)

Data: 2 de Julho de 2022

Público: planejado - crianças de 5 a 12 anos residentes do Quilombo do Camorim;
presente – crianças e adolescentes de 6 a 15 anos.

Acompanhantes: Rosilane Almeida (ACUCA), Adilson Almeida (ACUCA) e Thaís Oliveira (ACUCA).

Crianças presentes: Natanael Paulino Santos (6a); Bento dos Santos (5a); Ruan (8a); Isabela (9a); Carolina (10a); Jullya (10a); Thales (11a); Jhuan (11a); Arthur Dias (11a).

Adolescentes presentes: Joyce Azevedo (13a); Raisa (13a); Karyna Rodrigues (13a); Joaquim Miguel dos Santos (14a); Fernanda (15a); Adryan Dominic (15a) e Guilherme Almeida (14a).

Objetivos do encontro:

- Avaliar o que ficou marcado nas crianças e ter o retorno das suas impressões do último encontro;
- Conhecer como o território é visto e sentido pelas crianças residentes (verificando a sua afetação e conexão com o mesmo a partir de sua noção espacial e escolha de elementos pra representar o mesmo);
- Elaborar um mapa do território feito pelas crianças (Sítio Arqueológico Engenho do Camorim), “terreiro” da comunidade quilombola local;
- Fixar placa com os símbolos feitos por eles em pirografia no último encontro.

Materiais: gravador de voz; TCLS (responsáveis crianças (10), das crianças (12), adulto (3)); placas pirografadas (árvores escolhidas, nomes das trilhas e da simbologia feita pelas crianças); lápis de cor (3 caixas); prancheta (12); folhas recicláveis; tecido (cru) para servir de fundo para o posicionamento dos desenhos e criação do mapa participativo; canetas permanentes (6).

Roteiro

1) Resgate e mobilização do fogo: Em roda, perguntar o que o elemento fogo os faz lembrar. Após falarem, lembrar que eles deixam marcas por onde passam e que cada humano é como um Sol e indagar como isso reverbera em cada um. Lembrar o que foi feito no último encontro e perguntar:

I) *O que mais marcou vocês no nosso encontro do fogo e criação dos símbolos com pirografia?* (mostrar os desenhos com os símbolos que os mesmos fizeram para representar o quilombo (papel pardo) e a placa com a pirografia feita pelas crianças)

II) *Qual o motivo de você ter escolhido esse desenho pra representar o quilombo?*

III) *E como vocês se sentiram marcando com o fogo na madeira?*

2) Dinâmica corporal: Mediar a dinâmica propondo que o grupo dramatize com o corpo os fenômenos naturais citados ocorridos com o elemento fogo, tais como: o Sol nas plantas; os raios, as queimadas, uma fogueira e o Sol.

3) Reconhecimento do território pelo afeto:

Perguntar às crianças:

IV) *“Quais plantas do sítio vocês conhecem?”*

Após responderem, mostrar as placas pirografadas com os nomes das árvores do sítio. Em seguida, encontrá-las. Pedir que a criança que mencionou a árvore responda para o grupo:

V) *O que te fez lembrar e escolher essa planta?*

Pedir que desenhem a planta (prancheta, folha e lápis de cor). Identificar em cada desenho o nome da criança.

4) Criação do mapa participativo do sítio:

Convidar as crianças a localizarem as plantas no mapa do sítio (impresso) – fichas impressas com o mapa do sítio. Elaborar junto com elas um mapa participativo do território com o tecido e desenhos. Antes de desenhar, convidar a todos a se escutarem sobre como representariam (quais elementos (o que tem), posições e tamanho de cada um ali). Em seguida, perguntar qual local mais gostam de ficar no sítio.

Análise do Campo

Todo o grupo se apresentou ansioso para ver como ficaram as placas pirografadas, assim como curioso para saber o que seria realizado neste último encontro do projeto. Em roda, perguntei o que o elemento fogo os fazia lembrar. Todos responderam algum elemento ou cena relacionado ao seu cotidiano: fogueira, o Sol, fogão a lenha e tochas. A Rosilane, membra da ACUCA e filha de liderança quilombola local, realiza encontros frequentes mensais de acampamento com os jovens e crianças residentes. Nestes encontros eles dormem no sítio, acampados ou na Casa de Nárnia (construção onde guardam os tambores e realizam atividades de Educação

Socioambiental nos arredores da casa). E nestes eventos, o grupo dispõe de tochas para não utilizarem a luz artificial e entram em contato com a escuridão e a iluminação com o uso do fogo. Realizei uma dinâmica corporal onde eu guiava os fenômenos que ocorriam com a natureza envolvendo o elemento fogo e as crianças tinham que dramatizar com o corpo. Cada criança dramatizou de maneira peculiar. Como seria o Sol nas plantas, os raios, as queimadas, uma fogueira e o Sol. Todos mobilizaram mais seus corpos quando era um evento que ocorria maior perturbação do sistema, como as queimadas, raios e fogueira. E apesar de aparentemente estático à olho nu, os fenômenos de absorção da luz solar pelas plantas e o próprio Sol, o grupo ainda movia seus dedos representando algum movimento mesmo que sutil no acontecimento.

Com a placa pirografada por eles exposta, trouxe à tona “*o que mais marcou no nosso encontro do fogo e criação dos símbolos com pirografia*”, todos trouxeram que o pirografo chamou atenção, e que se sentiram importantes marcando com símbolos em uma placa que seria fixada no Sítio Arqueológico. E nós desejamos levar os valores deste símbolo em nossas práticas”. E quando indaguei sobre “como se sentiram marcando a placa com o símbolo escolhido com o uso do fogo”, trouxeram: “*achei diferente nunca tinha feito*”; “*também nunca desenhei na madeira*”; “*tinha que apertar, mas não muito forte senão queimava*”. Percebi que estavam bem presentes e atentos, pois detalhavam a experiência, assim como dramatizando com as mãos o feito. Olhando os desenhos, perceberam as árvores com a água passando por dentro dela e debaixo do solo, revelando a consciência dos ciclos da água e caminhos percorridos pela mesma, como na fala do Adrian “*Chuvas, árvores e a água escorrendo para o Rio*”. E ao relatarem os símbolos da Sankofa, com o passado, presente e futuro. E quanto à “*qual o motivo de terem escolhido tais símbolos para representar o quilombo?*” sempre envolviam algum prazer de origem natural ou valor afrodescendente civilizatório, como a própria ancestralidade e a água como algo sagrado. E o símbolo da Sankofa, que representa o Quilombo estavam presente na maioria dos desenhos, além de árvores locais, como a Jabuticabeira e o Rio do Camorim. Rosilane explicou a simbologia Sankofa com a placa pirografada e o desenho que representa o Quilombo com peixes envolta, trazendo o significado: um pássaro olhando para trás com um ovo nas costas, “*olhando para trás onde para não esquecer de onde que veio. Muito importante no*

resgate da nossa cultura. Não deixar morrer o que já permanece, almejando um futuro ancestral. Um resgate muito forte pra nós. Além disso o peixe Robalo, que também se chama *Camori*, e também termo conhecido como mata com muito mosquito. E inclui que justamente ali que tem o Rio Camorim, para representar onde vivemos e o que sobreviveu à Colonização. (anexo 4)

No terceiro momento trouxe com o questionamento de “*Quais plantas do sítio vocês conhecem?*”, maioria trouxe a Jabuticabeira, árvore mais antiga no local. Após responderem, mostrei as placas pirografadas com os nomes das árvores do sítio e pedi que a encontrassem no sítio. Sendo as espécies de nome popular: Baobá, Cajá Manga, Cacau, Jabuticabeira, Café, Pau Ferro, Abacate, Pau Brasil, Limão Biri-Biri. Não consegui realizar a escuta da pergunta “*O que fez lembrar e escolher essa planta?*”, nem o registro da planta, pois com a euforia de encontrar a árvore emergiu outras dinâmicas, como os cantos jongueiras que fizeram mais sentido no momento. Durante todo o percurso, batiam palmas e traziam memórias no local já vividas. Carregavam na cabeça ou com muito zelo cada placa. Como se fosse algo muito valioso para cada um. O primeiro a encontrar a árvore foi Natanael, o qual se direcionou à Cajá Manga trazendo a própria fruta colhida, que estava em época de colheita. Com sorriso no rosto revelando a alegria e o afeto que tal árvore trazia para o menino. Ao encontrar uma das árvores, Rosilane traz a tona um canto de jongo de Cunhambebe: “*Vem Camori, vem ser quilombo, pisa no terreiro, Cunhambebe tá chamando, machado!*”. Em seguida, explica seu significado, Cunhambebe que é o poder feminino e ancestral ao ser quilombola, ao pertencer aquela terra, onde habita o Camori.

No quarto momento, após circularem pelas trilhas do sítio encontrando os “tesouros verdes”, convidei o grupo para que registrassem com um desenho algum elemento que esteja presente no sítio e construíssem um mapa posicionando os desenhos sobre um tecido (anexo 5). Neste momento percebi a presença novamente das árvores e recursos hídricos locais. A proporção de tamanho sempre com as árvores em maior tamanho e a água no seu percurso. Outro elemento que ficou evidente foi a Casa ao lado do Rio do Camorim, onde realizavam atividades educativas, revelando relevância para as crianças residentes. E quando foram posicionar os desenhos, a maior

parte do grupo apresentou consciência da localização do território utilizando referenciais maiores, como o Rio do Camorim e o morro que margeia o sítio. Em cada atividade proposta pude reconhecer a relação das crianças com o universo natural, afetiva e de memória história vivida. Os símbolos mostraram uma evidente *intimidade com o território*, fato este que conecta com os pensadores Ailton Krenak e Léa Tiriba, no que diz respeito ao quanto a *natureza é um sujeito que ensina*, assim como o conceito de *encantamento*, trazido por Luiz Rufino.

Por fim, ocorreu uma aula de Jongo, um momento espontâneo solicitado pelas meninas (crianças e adolescentes) que a todo momento estavam com seu desejo latente para tocar e aprender mais com a professora jogueira Thaís Oliveira. Fechamos o encontro sanando tal vontade, onde pude realizar o registro do que cada tambor representava e os cantos que contavam a história local (autorizado por todas as envolvidas). No movimento brincante, este encontro expressou a relação da infância local com o elemento fogo, com as águas e com a mata com muita identidade. E o quanto cada nome carrega uma história, e enaltecer o território a partir de suas identidades pelos olhos da nova geração trouxe ainda mais sentido à minha práxis como educadora socioambiental, pesquisadora das infâncias e suas metodologias sensíveis.

CONCLUSÕES FINAIS

A presente dissertação abordou a docilização do corpo das crianças no formato atual de educação, o divórcio do ser humano com a natureza, a relevância do contato com a natureza, a importância da metodologia que estimule o cuidado e pertencimento. O conceito de pertencimento trazido pelos nossos povos originários e comunidades tradicionais, de que “somos natureza” com o resgate a esse pertencimento, acredito ter maior chance de proporcionar hábitos de preservação ambiental. A importância de uma infância “desemparedada” proporciona a não docilização do corpo e conseqüentemente traz benefícios mentais, emocionais e físicos para as crianças. No resgate da relação infância-natureza vivido pelas crianças residentes do Quilombo do Camorim em contato com a matéria de origem natural, pude reconhecer a potência de aprendizagem a partir do território quando esse contato é permitido em plenitude. E no caminho de firmar esta

conexão, me vi como educadora, alimentando meu repertório criativo em metodologias sensíveis e orgânicas, agregando o que a comunidade quilombola tinha de valores em suas práticas de base ancestral: oralidade, circularidade, escuta ativa dos fenômenos naturais, consciência comunitária e o valor de se tecer redes, em um contexto de sobrevivência com restrição de recursos oriundos do Estado. Encarar os nossos povos brasileiros (originários e comunidades tradicionais) como educadores socioambientais é aproximar de valores como cuidado e pertencimento e sua íntima relação de causa e efeito. Partindo do pressuposto de que cuidamos do que nos importamos, pude sentir de perto tal relação durante minha trajetória com a comunidade quilombola durante a gestão do projeto Quilombos PEPB, quanto nos campos da presente pesquisa.

Ao longo de todo o mestrado durante a elaboração e execução do presente projeto que originou esta dissertação, firmei a democratização dos saberes com a intenção de alimentar uma pedagogia decolonial, libertária e antirracista. Por meio de ações extensionistas de: estudos abertos online, lives (encontros virtuais gratuitos), participação de eventos científicos e cursos de formação. Todos pelo grupo de pesquisa GITAKA (NINA/UNIRIO) e parte deles pelo núcleo de estudo Epistemes Nativas pertencente a este mesmo grupo. Em cada produto busquei formar redes com potencial de troca e contribuição com base comunitária. E a cada ação de extensão realizava uma reflexão crítica a respeito da seleção dos convidados, do conteúdo elegido, da metodologia empregada, análise do registro realizada por mim a cada encontro e o retorno do público, a partir das redes sociais e chat dos encontros. Produtos do projeto pela frente extensionista do GITAKA foram respectivamente: estudos abertos online e gratuitos pelos projetos foram o *Sextou GiTaKa* e *Conversatórios FINAflor* (disponíveis no canal NiNA UNIRIO da plataforma YouTube); Cursos de formação remotos (Infâncias Brasileiras, disponíveis no canal NiNA UNIRIO da plataforma YouTube); gerenciamento e sistematização de conteúdo na página do Instagram @ninaunirio; eventos científicos nacionais e internacionais (mesa, roda de conversa, participação docência na graduação UNIRIO); formação de rede entre a comunidade quilombola, a academia e a população brasileira/institutos/coletivos. Etapa permanente, concomitante às outras etapas.

Formei redes de parceria durante este projeto, tanto em relações virtuais quanto presenciais. Selecionei estratégias de atuação que alimentassem práticas relacionadas a democratização de saberes e fomento às ações educativas, ambientais e culturais local. Ocorreu a parceria com o intercâmbio de mudas entre o CIEP Presidente Agostinho Neto e o Quilombo do Camorim a partir de uma divulgação de demanda por doação de mudas e sementes, e a educadora socioambiental do projeto permanente Hortas Cariocas, que se disponibilizou. E este feito alimentou a idéia de proporcionar tais intercâmbios com escolas públicas próximas e hortas urbanas dos arredores. Escola longe do Quilombo, mas já mostrou uma possibilidade a ser realizada tendo horta próxima ao local. Mapeando a área possuem muitas hortas urbanas que não trocam com o Quilombo, porém possuem potencial de troca. Formei o cultivo pelas redes sociais do fomento de voluntários para os mutirões da horta comunitária local e para atividades de educação socioambientais com as crianças residentes. Proporcionei encontros durante a pandemia e pós de troca de saberes, envolvendo os quilombolas da Zona Oeste (Quilombo Dona Bilina e Quilombo do Camorim), gratuitos e gravados por meio do Grupo de Pesquisa GiTaKa (NINA-UNIRIO). Encontros estes de caráter de estudos abertos, lives e formações e eventos científicos com a participação dos quilombolas, disponíveis em parte no canal NiNA UNiRIO na plataforma do YouTube.

É preciso acordar o corpo e com ele bem, para reafirmar o lugar do corpo dentro da academia e nas práticas educativas. Visando uma práxis ecológica, popular, estética e libertária que busca integrar o fazer e o saber relacionados à infância, com vivências que educam e transformam pelo afeto, pela arte, pela reconexão com a natureza e pelo empoderamento político. Sempre na perspectiva da democracia, da soberania dos povos, na defesa da Terra e da liberdade. Por meio de articulação e formação de redes de movimentos sociais, em defesa das crianças, tendo a intenção da transformação socioambiental da realidade em ações micro e macropolíticas decoloniais pautadas no compromisso prioritário com a ética do cuidado para com os humanos e seres bióticos, e elementos abióticos com os quais compartilhamos a vida. “Investir em práticas que propiciam experienciar e aprender com outros modos de viver, sentir e pensar a vida, em oposição a todas as expressões de colonialidade do poder que ferem a dignidade de nossos povos desde a infância, os expropria de suas riquezas culturais e

aprisiona os desejos, docilizando os corpos”. (Este firmamento que trouxe esteve presente na Mostra de Pesquisa *Infância, Natureza e Ancestralidade* do Fórum Social Mundial de 2021).

Finalizo com a carta aos ancestrais elaborada pela quilombola Rosilane Almeida com a intenção de um futuro ancestral:

“Vivemos tempos difíceis!

Mas, o que são considerados tempos difíceis para nós ?

Nós, que vivemos, há tantos anos, sendo chicoteados, mal falados, marginalizados, tudo porque não queremos ser domesticados!

Em meu sangue pulsa a água mais pura e calma.

Mas, também pulsa os ventos mais fortes que acompanham a tempestade.

Precisamos ser inconstantes para acompanhar a luta que é travada há tempos.

Sei que vocês (ancestrais) lutaram muito para termos o que temos hoje.

Tudo foi conquistado com muita garra e coragem.

Sou a continuação de vocês, me sinto honrada em ter esta essência e espero não decepcionar.

UBUNTU!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariléa de. *Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. São Paulo: Elefante, 2022. 384 p.

ALVES, D.; PERALVA, L.M. *Olhar Perceptivo. Percepção, corpo e meio ambiente*. Brasília: Centro Nacional de Informação Ambiental, 2010.

ALVES, Rubem. *Conversas sobre educação*. Editora Verus, 2003.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do Humano, Compaixão pela Terra*. Petrópolis, Vozes, 1999.

BOLÍVAR, A.; J. DOMINGO; M. FERNÁNDEZ. La investigación biográfico narrativa em educación: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BORDA, O.F. La ciencia y el pueblo: nuevas reflexiones. In Lewin, K. La investigación-acción participativa: inicios y desarrollos (pp. 65-84). Editorial Popular. 1980.

BRASIL. Programa Brasil Quilombola – Comunidades Quilombolas Brasileiras Regularização Fundiária e Políticas Públicas. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. Brasília. 2007. 156p.

CAPRA, F. *Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável*. Traduzido por Carmem Fisher. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTRO, Maria Tereza M. O Conceito de Conhecimento a partir do pensamento de Benedictus de Spinoza. *Conatus: Filosofia de Spinoza*. V 1 (1): 67-72, 2007.

CHAUI, Marilena; DA ROCHA FRAGOSO, Emanuel Angelo; ITOKAZU, Ericka Marie. Baruch de Espinosa. Coleção os Pensadores, v. 2, 2006.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COLARES, J. da Mota Neto. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na Genealogia da Pedagogia Decolonial Latino-americana. 38ª Reunião Nacional da ANPEd, 2017.

DEMARTINI, Z. de B. *Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa*. In: LANG, A.B. da S.G (Org.) Reflexões sobre a pesquisa sociológica, SP: CERU/USP, 1992.

ERNESTO, Luciene Marcelino. *Sankofia: Breves histórias sobre afrofuturismo*. Rio de Janeiro, 2018. 226 p.

ESPINOSA, Baruch de. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

FERREIRA, Joelson. *“Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos do Brasil”*. Arataca (BA): Teia dos Povos, 2021.

FOUCAULT, Michel. *“Os corpos dóceis”*. In: _____. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa Participante*. 8ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HOOB, Bell. *Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOUREIRO, C. F. B & LAYRARGUES, P. P. *Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: Perspectivas de Aliança contra-hegemônica*. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 11 (1): 53-71, 2013.

LOUREIRO, C. F. B.; LEROY, Jean-Pierre; FERRARO JUNIOR, L. A.; GUIMARÃES, M; Layrargues, P. P.; OLIVEIRA, R. J.; CASTRO, R. S.; PACHECO, T. *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. SP: EPU, 1986.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019. 390 p.

OIT 169. In.: <<https://jus.com.br/artigos/29291>>

OLIVEIRA, Rogério R. *As marcas do homem na floresta: história ambiental de um trecho urbano de mata atlântica/organização* – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010. 230 p.

Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), 2022. <<https://www.ipcc.ch/ar6-syr/A>>

PEIXOTO, S.A. Jacarepaguá, *A “Planície dos muitos engenhos”*: uma arqueologia do sertão carioca, Rio de Janeiro, século XVII ao XIX. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2019.

PORTA, Luis & AGUIRRE, Jonathan. A autoetnografia como modo de habitar sensibilidades e sentidos da investigação narrativa. In: *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Org. Adrienne Ogeda e Tiago Ribeiro – Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. 304 pp.

RIBEIRO, Djamira. *Lugar de fala*. São Paulo: Suelly Carneiro. Polen, 2019. 112p.

SANJURJO, L. *La formación práctica de los docentes: reflexión y acción en el aula*. Rosario: Homo Sapiens, 2002.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília, 2015.

SANTOS, Maria Walburga dos. *Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola* (estudo de caso etnográfico). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, SP, 2010.

SANTOS, M. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. Organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M. Território e territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA, Aida M. M.; TIRIBA, L. (orgs). *Direito ao Ambiente como Direito à Vida: desafios para a Educação em Direitos Humanos*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 112p.

SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria; ALANA, Instituto. Manual de orientação: benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen1.pdf

TIRIBA, L. *Crianças da Natureza*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

TIRIBA, L. *Crianças, natureza e educação infantil*. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, Léa. *Educação Infantil como Direito e Alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*. 1ª edição – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018. 308 p.

TOLEDO, V. M. & BARRERA-BASSOLS, N. *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

WALSH, Catherine. *Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2019. 256 pp.

Entrevista “**Voices da Floresta | Ailton Krenak**” – a aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias” (Canal Le Monde Diplomatique Brasil) - abril/20 – urgência da mudança na forma de conceber o planeta/universo por nós (não indígenas)

Link: <https://youtu.be/KRTJH1os4w>

ANEXOS

Anexo 1. Encontros de reconhecimento e formação de vínculo

| CAMPOS (23) | Metodologia | Atividades | Grupo social escolhido |
|-------------|--------------|--|--|
| 22/06/2019 | Etapa I e II | Aula Campo: Histórico ambiental da região; trilha com visitação às áreas dos estudos arqueológicos; oficina de jongo; alimentação local tradicional. | IFRJ/Nilópolis |
| 29/06/2019 | Etapa I e II | Aula Campo: Apresentação do sítio arqueológico; oficina de saberes e ancestralidade; oficina de jongo e alimentação tradicional local. | IPPUR/UFRJ |
| 03/08/2019 | Etapa I e II | Dia Estadual do Jongo: Histórico sociocultural e ambiental do Quilombo do Camorim; tradição cultural quilombola/musicalidade afrodescendente; ensinamentos da percussão do xequerê; alimentação típica | Vizinhança do Quilombo do Camorim |
| 03/08/2019 | Etapa I e II | Histórico sociocultural e ambiental do Quilombo do Camorim; jongo e ancestralidade; linhagens do jongo; roda de jongo; alimentação típica. | Grupos de jongo e mestres (Jongo Di Fora, Filhos da Semente, Jongo Quilombo São José e Jongo da Serrinha). |
| 03/08/2019 | Etapa I e II | Cinedebate Tambores do Arrozal; roda de conversa sobre a resistência da cultura afrodescendente; dinâmica corporal com a temática união; alimentação típica | Grupos de jongo (Jongo Di Fora, Filhos da Semente, Jongo Quilombo São José, Jongo da Serrinha). |

| | | | |
|------------|--------------|--|---|
| 19/10/2019 | Etapa I e II | Aula Campo: Histórico socioambiental do quilombo e do sítio arqueológico; dinâmicas corporais; trilha com a relação da mata atlântica com os recursos hídricos; circuito área de escavação/povos originários; oficina de jongo/valores culturais; plantio de pau-brasil. | Escola Estadual Paulino Barbosa |
| 24/11/2019 | Etapa I e II | Evento Consciência Negra - Histórico do Quilombo do Camorim; explanação valores afrodescendentes; oficina de Jongo; alimentação tradicional. | Quilombolas do Camorim, vizinhos e aberto ao público externo |
| 30/11/2019 | Etapa I e II | Aula Campo: histórico socioambiental do Quilombo; dinâmicas corporais; trilha importância da vegetação (cultura e papel ecológico); circuito áreas de escavações; oficina do jongo; alimentação tradicional. | Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM) da Escola Municipal José Clemente Pereira da E. M. Mano Décio da Viola do Ensino Fundamental. |
| 07/12/2019 | Etapa I e II | Oficina Saneamento Ecológico: Histórico do Quilombo do Camorim e PEPB; trilha histórico ambiental, dentro do sítio arqueológico; explanação contexto dos corpos d'água no Brasil; modelos e tecnologias aplicadas ao saneamento ecológico; alimentação tradicional; mutirão de manejo. (*metodologia criada pelo Taboa caráter formativo beneficiando uma obra para a comunidade quilombola) | Moradores/comunidade local, convidados (representantes dos grupos Permacultura Lab, Capim Limão/Biologia UFRJ, Muda/ Engenharia Ambiental UFRJ, Hortelões Urbanos) e voluntários do quilombo. |
| 07/03/2020 | Etapa I e II | Oficina Saneamento Ecológico: Histórico do Quilombo do Camorim e PEPB; trilha histórico ambiental, dentro do sítio arqueológico; explanação contexto dos corpos d'água no Brasil; modelos e tecnologias aplicadas ao saneamento ecológico; alimentação tradicional. | Moradores/comunidade local (ACUCA) e universitários da UFRJ, PUC e UERJ. |
| 10/08/2020 | Etapa IV | Mutirão de manejo da horta comunitária (pré plantio) | Representantes da ACUCA |
| 15/08/2020 | Etapa IV | Mutirão de manejo da horta comunitária e doação de alimentos | Quilombolas do Camorim, vizinhos e voluntários da ACUCA |
| 05/06/2021 | Etapa V | Dia Meio Ambiente (dinâmicas corporais teia da vida - interdependência, circuito de trilha, compostagem, plantio e construção de brinquedo com material reaproveitado) | Crianças residentes do Quilombo do Camorim |
| 30/11/2021 | Etapa V | Mutirão de manejo da horta comunitária (plantio com mudas doadas do CIEP) - formação de rede nova de parceria | Quilombolas do Camorim, vizinhos e voluntários da ACUCA |

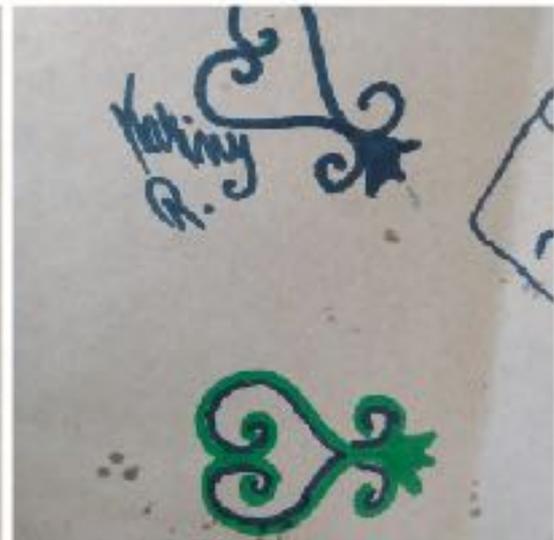
| | | | |
|----------------|----------------------------|---|---|
| 26/11/202 2 | Etapa IV (complementar) | Evento de Consciência Negra, homenagem à Dandara e ao Zumbi dos Palmares (fortalecimento da história, cultura e economia local da comunidade quilombola residente, assim como dos parceiros de tradições afro-descendentes) | Quilombolas do Camorim, oficinairos e vendedores convidados |
|----------------|----------------------------|---|---|

Anexo 2. Cronograma dos Campos

| CAMPOS | Metodologia | Atividades | Grupo social escolhido |
|----------------|--------------------|---|--|
| 05/06/202 1 | Etapa V | Dia Meio Ambiente (dinâmicas corporais da vida - interdependência, circuito de trilha, compostagem, plantio e construção de brinquedo com material reaproveitado) | Crianças residentes do Quilombo do Camorim |
| 21/12/202 1 | Etapa V | Encontro Socioambiental: elemento fogo, simbologia e pirografia (investigação da relação afetiva com o território e concepção de natureza) | Crianças residentes do Quilombo do Camorim |
| 02/07/202 2 | Etapa V | Retorno afetivo e avaliação coletiva do último encontro; investigar a relação espacial com o território; confecção de um mapa pelas crianças e entrega das placas confeccionadas (com nomes das árvores, os valores e mensagens para o público visitante) | Crianças residentes do Quilombo do Camorim |

Anexo 3. Campo 21.12.2021: desenhos de símbolos para a representação do Quilombo







Anexo 4. Campos 21.12.2021 e 02.07.2022: placas pirografadas com nomes das árvores e valores



Anexo 5. Campo 02.07.2022: desenhos do território para a cartografia participativa





Anexo 6. TCLs (adultos entrevistados, para responsáveis das crianças, para as crianças)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ADULTO

Com o intuito de contribuir com a dissertação “*Infância no Quilombo do Camorim no Maciço da Pedra Branca/RJ e sua relação com o mundo natural manifestada no brincar*” realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-UNIRIO) no fomento da melhoria da educação brasileira, leio o termo abaixo no intuito de contribuir com a respectiva pesquisa.

E _____, u _____, _____, portador do documento RG _____ (órgão expedidor _____), autorizo a veicular a minha imagem, voz e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são **Tagore Penna Mendes de Almeida e Léa Velocina Tiriba Vargas** e com elas poderei manter contato, respectivamente, pelos telefones **(21) 96733-9059** e **(21) 99991-4641**. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as

informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma de **dinheiro**. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Acredito ter sido suficientemente esclarecido(a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora responsável por esta pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e a pesquisadora responsável devemos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha. Declaro que concordo em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisadora

Assinatura do Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – CRIANÇA

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “*Infância no Quilombo do Camorim no Maciço da Pedra Branca/RJ e sua relação com o mundo natural manifestada no brincar*”. Queremos saber quais suas brincadeiras preferidas? Quais lugares mais gostam de brincar? O que é a natureza para você? Como se sente na natureza do Quilombo do Camorim? O que mais encanta vocês quando estão do lado de fora?

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 5 a 12 anos de idade. A pesquisa será feita com você e com outras crianças que moram no Quilombo do Camorim. A gente vai ter 5 encontros com duração de 4 horas cada um e eles acontecerão ao longo de 6 meses. Teremos encontros com plantio, atividades com o fogo (mediado pela pesquisadora), brincadeiras que trarei e outras quero aprender com vocês. Circularemos pelo Sítio Arqueológico Engenho do Camorim e gravaremos vídeos. Durante a pesquisa, vou utilizar fotos, vídeos, áudios e os materiais de nossos encontros.

O uso desses materiais para a realização da pesquisa é considerado seguro, mas é possível que você sinta vergonha em uma ou mais atividades, não queira ser filmado(a) ou não tenha vontade de participar de alguma oficina. Caso isso aconteça, você pode falar, em qualquer momento, com a pesquisadora Tagore Penna Mendes de Almeida (Tatá) sobre o seu desconforto e ela respeitará a sua vontade. Mas há coisas

boas que podem acontecer! Esta pesquisa pode contribuir para que as crianças atentem os adultos para se relacionar melhor com a natureza.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará irritado(a) ou chateado(a) com você se você disser “não”: a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer “sim” agora e mudar de idéia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode conversar com a pesquisadora, quando quiser. Ela responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento.

Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa.

ASSENTIMENTO

Eu _____ li este termo ou alguém leu para mim e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante: _____

Data: ___/___/_____

Observação: as crianças escrevem apenas o primeiro nome.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ADULTO
(responsável da criança)

Com o intuito de contribuir com a dissertação *“Infância no Quilombo do Camorim no Maciço da Pedra Branca/RJ e sua relação com o mundo natural manifestada no brincar”* realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-UNIRIO) no fomento da melhoria da educação pública brasileira, peço que cada responsável leia com atenção a autorização abaixo e a assine estando de acordo com o acordo a seguir. Estou disponível para sanar qualquer dúvida a respeito da pesquisa e uso dos dados por meio do telefone (21) 96733-9059 ou pelo e-mail tagorebio@gmail.com.

“Eu, _____,
portador do documento RG _____ (órgão expedidor _____), autorizo a veicular a imagem, a voz e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições da criança _____,
portadora do documento RG _____. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.”

As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são **Tagore Penna Mendes de Almeida e Léa Velocina Tiriba Vargase** com elas poderei manter contato, respectivamente, pelos telefones **(21) 96733-9059 e (21) 99991-4641**. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma de **dinheiro**. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Acredito ter sido suficientemente esclarecido(a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará coma pesquisadora responsável por esta pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e a pesquisadora responsável devemos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha. Declaro que concordo em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Orientadora

Anexo 7. Entrevista direcionada às crianças residentes do Quilombo

ENTREVISTA I – Natureza

“Depois de tirarem as fotos das brincadeiras e dos lugares preferidos, queria escutar vocês sobre esses momentos e espaços.

I) Me falem qual foi o motivo de tirarem foto desta cena para representar a natureza

II) Vocês ainda brincam (adolescentes)? O que vocês mais gostam de brincar?

III) Onde você encontra natureza no Quilombo do Camorim? O que é natureza aqui para você?

IV) O que mais encantam vocês aqui no sítio?”

ENTREVISTA II – Fogo, simbologia e território

Após o resgate do que foi feito no último encontro, perguntar:

I) *O que mais marcou vocês no nosso encontro do fogo e criação dos símbolos com pirografia?*

Mostrar os desenhos com os símbolos que as crianças fizeram para representar o quilombo e a placa com a pirografia feita por elas:

II) *Qual o motivo de você ter escolhido esse desenho pra representar o quilombo?*

III) *E como vocês se sentiram marcando com o fogo na madeira?*

Para o reconhecimento do território pelo afeto perguntar às crianças:

IV) *“Quais plantas do sítio vocês conhecem?”*

Mostrar as placas das árvores, após falarem. Em seguida, encontrá-las. Pedir que a criança que mencionou a árvore responda para o grupo:

V) *O que te fez lembrar e escolher essa planta?*

Anexo 8. Entrevista com Adultos – valores comunitários

“(nome do entrevistado),

Com o intuito de contribuir com a dissertação *“Infância no Quilombo do Camorim no Maciço da Pedra Branca/RJ e sua relação com o mundo natural manifestada no brincar”* realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNIRIO) no fomento da melhoria da educação brasileira, peço que cada um me encaminhe um áudio sanando as questões a seguir:

- Que valores estão presentes no Quilombo do Camorim
- O que acreditam ser natureza
- Como se dá a relação com a natureza
- Como vêm a infância e se relacionam com as crianças residentes do Quilombo do Camorim

- Como começou a atuar na educação (história), qual a sua principal motivação como educadora (valores) e como se dá a educação no Quilombo (metodologia) (*direcionado à Lúcia Garcia, educadora ambiental do Quilombo e coordenadora Pedagógica ACUCA)

Estou disponível para sanar qualquer dúvida a respeito da pesquisa e uso dos dados por meio do telefone (21) 96733-9059 ou pelo e-mail tagorebio@gmail.com.

Grata,

Tagore Almeida”

Anexo 9. Transcrições Entrevista Adultos – valores comunitários

Adilson Almeida

“É o Quilombo o que representa pra mim é força e resistência. E o Quilombo para mim é o meu pulmão, é meu coração, é o sangue que pulsa na minha veia. Conexão com nossos ancestrais. O nosso Povo... De ancestralidade. Ele é vida. Minha casa, meu território. Tirar isso de mim é na verdade tá me tirando tudo. Então a minha relação com o Quilombo é de amor, paixão, carinho, gratidão. E a interligação do Quilombo com a natureza vem dessa interligação histórica e ambiental. Até porque o Quilombo ele vem dos fujões que vai para dentro da floresta, e eles... eles assim é onde eles preservavam todo esse ambiente de moradia, então essa ligação com a natureza é paz né? Essa paz, a dedicação, o respeito.... O respeito ele é a base de tudo, então em todos os sentidos o respeito tem que tá sempre de frente. Então essa é minha ligação. Quem ama cuida. Eu amo o Quilombo. Eu amo a natureza. E os meus filhos, né? Os meus filhos desde pequeno também ensinei a eles a respeitar a tudo e a todos. Que a natureza é como um todo. A natureza humana, a natureza fauna, flora. Então acho que é isso, essa interligação do ser humano com a natureza é uma base só. Não existe separação. Para mim não existe essa separação. Mas é aí tem um porém, eu cuido, eu amo o

lugar... Não só.. O todo local de respeito, natureza e história. Eu respeito. Porque é minha vida. Eu respiro história. Eu respiro pela natureza. Eu estou vivo pela natureza. Então eu acho que essa forma de amar, preservar e cuidar essa ligação é única. Mas infelizmente nem todos pensam assim, né. Então tem muitos que só vai pela destruição. Então enquanto muitos que vão só destruir, eu vou reconstruindo. Então eu vou plantando né as árvores, cuidando dos animais, resgatando dando seu.. devolvendo ao seu habitat natural. Então eu acho que é isso: quem ama cuida. E a relação dessa nova geração a gente vem também trazendo eles para esse meio de preservação histórico-ambiental. E ensinar a eles a realmente a ter infância, a ser criança. Cuidar, andar pela natureza, nadar descalço, brincar, correr, respeitar, respeitar os animais, respeitar os pais, respeitar o ser humano como ele. Então a gente precisa se respeitar, para dar o respeito. Então acho que a interligação do Quilombo em vivência tem todo essa ligação, né? De ser humano, fauna, flora. Então essa natureza para mim ela é tudo né? Então quem ama cuida. E é a questão significa né eu coloco sempre um ponto é a Sankofa. É religar passado, presente e futuro. Porque quando a gente tá vai e volta ao passado, que a gente busca nossas origens, aprende as coisas boas e traz para o presente, então para construir um futuro melhor, então eu acho que as crianças é isso: a gente traz as coisas boas dedicadas e ligadas a história e meio ambiente para eles, a gente passa o contexto de preservação e aí no futuro né de formação de cada um deles é o futuro da humanidade. Então isso é muito legal. E acho que isso aí para mim essa ligação do que é o Quilombo para mim, o Quilombo é isso o Quilombo ele é o meu pulmão, minha o meu coração, o sangue que pulsa na minha veia, meu cérebro. Então é isso para mim: quem ama cuida.” (áudio 4'21s _ 28/03/2021)*

Rosilane Almeida

“Me chamo Rosilane Almeida, tenho 33 anos. E para mim descrever o Quilombo do Camorim ainda soa um pouco estranho, pois geralmente falamos de coisas que já se passaram e eu ainda vivo isso. Comecei a conviver mais e a entender a palavra quilombo quando tinha aproximadamente 22 anos, quando mergulhei de cabeça nos projetos que meu pai desenvolvia na comunidade, como a capoeira, o coco de roda, o maculelê, entre outros. Não tínhamos noção de que não estávamos passando coisas novas para a comunidade, e sim fazendo o resgate da nossa própria cultura. Hoje não me vejo mais longe de minhas raízes, desde criança já tinha um pensamento diferente das outras crianças, e até de alguns adultos, como se minha cultura e minhas raízes estivessem adormecidas dentro de mim esperando para despertar. Tem alguns exemplos de vida que podem afirmar o quanto para mim é importante morar em um Quilombo e me reconhecer como quilombola. Minha família é muito grande e de muito nova via minha avó preparando comida para todos. Se precisasse de alguma carne ela ia no galinheiro, e preparava um delicioso frango com quiabo, ovo, ensopado de frango,

angu com pé de galinha, entre outros. Quando tinha alguém doente nossos remédios também eram caseiros, pegava as ervas nas naturezas e fazia o xarope. Seja para gripe ou qualquer outro tipo de doença que a gente tinha aqui em casa. Tem pessoas que não entendem, mas eu falo com muito orgulho que já comi gambá. E falo em orgulho por que? São lembranças da minha infância que não voltam mais. Sempre fomos muito bem contemplados em morar perto do Maciço da Pedra Branca. A natureza para mim é tudo aquilo que é natural. Que não foi totalmente manipulado pelo homem. A natureza é vida. E o ser humano devia estreitar mais a relação com a natureza. É um relacionamento via de mão dupla: eu cuido dela e ela me dá muito mais em troca (alimentos, água potável, sombra, materiais para pequenas construções). Lógico respeitando a natureza em primeiro lugar. A natureza faz parte da minha vida, hoje em dia é minha terapia. Nossa vida é um eterno aprendizado, hoje posso passar alguns conhecimentos para os mais jovens. E vejo que eles interagem bem. Na minha família temos tanto adolescentes quanto crianças, e sempre chamo eles para participarem das atividades que acho importante eles estarem presente. Por exemplo, em fazer uma trilha eles já sabem o que podem e não podem fazer, como por exemplo, principalmente respeitar os animais que é seu habitat natural. Nos cursos de horta orgânica que a ACUQCA administra, eles também participam. Levanto em destaque o meu primo Natanael que tem 6 anos que ama mexer na terra, andar descalço e vir participar do plantio. Com isso tenho certeza que a nossa tradição e cultura serão perpetuadas, e a luta para um futuro melhor também vai dar andamento com eles.” (áudio 3 '43s_28/03/2021)*

Herick Almeida

“Boa tarde, Tagore. Então o Camorim para mim, o Quilombo, é como um pedacinho do paraíso. Sabe eu viajo vou para outros lugares, mas não consigo me ver morando em outro lugar. É quase que cultural a vivência de todo mundo que mora aqui no Camorim não querer sair daqui. Porque é um lugar aconchegante e tranquilo. Eu nunca vi em outro lugar esse mesmo contato e cuidado que temos com a natureza que é uma relação de simbiose né. A natureza tem conosco e nós temos com ela. Eu fui criado brincando aqui na floresta, tomando banho de rio, pescando. Aprendi a fazer cesta com palha de coqueiro. Aprendi com os meus avós chás e xaropes a fazer com as plantas daqui. Como o antiinflamatório para garganta com tanchagem, um calmante com erva cidreira e capim limão. Frutas e sucos diversos. Então é uma coisa muito fantástica, sabe? É quase indescritível. É um sentimento maravilhoso. Assim, eu acredito que a natureza é algo que surge ali, mas que ela se expande muito além daquela localidade. Porque a natureza não são só as plantas, a floresta, mas sim o povo que habita ali e que leva aquela cultura para outros lugares. E faz isso ser muito maior do que só aquilo que nós vivemos naquele ambiente. Porque senão a natureza do Camorim seria só

fechada ao Camorim e não essa amplitude com o povo do Camorim. Eu acho assim muito incrível e a nossa relação com a natureza é essa, é fantástica. Eu não conseguiria me adaptar a outro lugar que não tivesse a mesma natureza, aliás não poderia me adaptar a outro lugar sem ser o Camorim. Mas para mim é uma outra atmosfera ir num lugar, nos centros urbanos. Por exemplo eu trabalho no centro da cidade, mas eu não gosto daquele ambiente, é um ambiente para mim é bem estranho. E assim eu acho que a infância das crianças daqui é bem diferente das de outros lugares. Pelo menos os lugares que eu já observei. Aqui as crianças brincam na rua, ficam até um pouco mais tarde, se divertem, correm no mato, vai pra cachoeira toma banho, vai pescar no rio, aí vai fazer um pic nic na floresta, coisa que não dá pra se ver em muito lugar. Para mim isso é incrível. E eu quero futuramente passar isso para os meus filhos. E ter essa oportunidade de mostrar isso para outras pessoas que moram em outros lugares parecidos com o Camorim. Que você não precisa acabar com a natureza para você viver no local. Você pode viver com ela. Porque é basicamente isso que ela quer. A natureza por mais que ela não tenha voz, a gente consegue sentir. Nós sentimos que a natureza quer ser cuidada e cuidar de nós. Mas muitas vezes a gente ignora isso. Não sei se é um sentimento único, meu de sentir isso, de sentir essa conexão com a floresta, porque é a minha vida e minha família surgiu assim. Mas eu acho muito fantástico. Essa ligação. Eu mesmo tenho mania de conversar com as minhas plantinhas, eu cuido delas aqui em casa, eu converso com elas, assim como eu converso com os meus bichinhos, com os gatos e a minha tartaruga. Então eu acho que é uma coisa muito importante, embora muita gente não viva. Então eu acho que isso é a natureza todo mundo tá em comunhão, todo mundo tá junto, um cuidando do outro. Um partilhando com o outro seus sentimentos mesmo sem palavras. Assim como a gente partilha com o nosso sentimento com o cão, com o gato e ele partilha o dele conosco, sem trocar uma palavra, assim são as plantas. Até pesquisas dizem isso, que quando você conversa com uma planta, ela frutifica melhor, ela floresce melhor, ela resiste mais tempo. Então eu acho que a cultura específica daqui do Quilombo é esse contato próximo que nós temos com as plantas, de pôr o nosso sentimento que nós temos com elas e ter essa ligação maravilhosa.” (6’05s_6/04/2021)

Lucia Garcia – coordenadora pedagógica ACUCA

Pesquisadora (P): *Que valores estão presentes no Quilombo do Camorim?*

Coordenadora pedagógica (CP): *No Quilombo do Camorim o respeito aos mais velhos e o pensar coletivamente são os valores que são mantidos entre os quilombolas até hoje.*

P: *O que acreditam ser natureza?*

CP: *Acreditamos ser natureza todo o ser vivo.*

P: *Como se dá a relação com a natureza?*

CP: *Existe uma relação com a natureza que é vivida de forma integrada com a rotina diária. Não existe uma separação entre homem e natureza no Quilombo do Camorim. A natureza é respeitada como um grande fornecedora de alimento, energia e remédios.*

P: *Como vêem a infância e se relacionam com as crianças residentes do Quilombo do Camorim?*

CP: *A infância é a fase em que podemos sonhar e que acreditar que não tem maldade no mundo. E assim vivem as crianças no Quilombo do Camorim se permitindo viver cada momento sem acreditar que a maldade existe e que a vida é uma doce brincadeira.*

P: *Como começou a atuar na educação (história), qual a sua principal motivação como educadora (valores) e como se dá a educação no Quilombo (metodologia)?*

CP: *Eu comecei com o socioeducativo no DEGASE, como estagiária do curso de Serviço Social, vendo tudo o que acontecia na maioria preto, pude perceber que deveria ser feito um trabalho de prevenção que não os permitissem chegar até aquele lugar. Desde então não parei de pensar de que forma eu poderia estar contribuindo para que menos jovens chegassem até aquele local. O que me motiva é saber que os jovens de hoje carregam um potencial que precisa ser explorado de forma que eles enxerguem o seu próprio valor e possam entender que são capazes de alcançar qualquer sonho seguindo por um caminho digno e livre. A educação no Quilombo do Camorim tem como propósito conscientizar as crianças de suas origens de forma de que autodenominem como quilombolas e reconheçam a sua própria cultura como uma herança de seus ancestrais e tenham noção do potencial da riqueza do território em que vivem. (5' _ 6/04/2021)*